



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
ARQUITETURA**

INTEGRAÇÃO DE UM EDIFÍCIO NA ESCARPA DOS GUINDAIS

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura, orientada pelo Prof. Doutor Vítor Manuel Araújo De Oliveira.

LEONARDO FILIPE DUARTE CARDOSO
2023

INTEGRAÇÃO DE UM EDIFÍCIO NA ESCARPA DOS GUINDAIS

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro
Universitário do Porto no dia 31/10/2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de
Nomeação n.o: 377/2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho

Arguente: Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva

Orientador: Prof. Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família pelo apoio incondicional que sempre me fizeram chegar, em especial aos meus pais por todo o esforço que fizeram para me dar a possibilidade de estar aqui hoje.

Agradeço também ao meu namorado por me ter apoiado e aturado ao longo deste percurso, sei que nem sempre consegui desligar-me do estudo e dar-lhe a atenção que tanto merece.

Gostaria também de agradecer a todos os meus amigos, todos os que passando pela minha vida me deixaram um pouco das suas experiências. Em especial a minha melhor amiga Joana Mourisco, por ser a pessoa com quem eu posso contar.

Por fim e não menos importante queria agradecer aos professores que dedicaram do seu tempo para me transmitir parte do seu conhecimento e da sua sabedoria pela arquitetura que contribuíram para o meu “próprio eu” enquanto arquiteto.

Dedico esta tese ao meu avô Ricardo que apesar de não estar consciente do que esta a acontecer, sei que está extremamente feliz por ter realizado o meu sonho.

Resumo

Com este trabalho pretende-se compreender a relação do projeto com o espaço natural e o espaço público, assim como perceber como a sua forma e materialidade são agentes fundamentais na inserção na paisagem. Para corroborar essas premissas, a dissertação divide-se em três partes. Após uma breve introdução, a primeira parte corresponde a análise da evolução histórica e morfológica da área dos Guindais e das Fontainhas na cidade do Porto e terá como tópicos de análise o Espaço Natural, o Espaço Público e o Edifícios. Num segundo momento, serão analisados dois casos de estudo seguindo os mesmos tópicos, de forma a demonstrar algumas possíveis formas de resolução na inserção do edifício no terreno. A terceira parte da dissertação centra-se na minha proposta de projeto para a escarpa das Fontainhas, apresentando assim uma visão própria de inserção do edifício na paisagem. Por fim, são apresentadas considerações finais sobre o trabalho.

Palavras-Chave: Escarpa dos Guindais, Integração, Fontainhas, Avenida das Fontainhas, Residência de Estudantes

Abstract

This work intends to understand the relationship of the project with the natural and public space as well as to understand how its form and materiality are fundamental agents in the insertion in the landscape. To corroborate these premises, the dissertation is divided into three parts. After a brief introduction, the first part corresponds to the analysis of the historical and morphological evolution of the area of Guindais and Fontainhas in the city of Porto and will have as topics of analysis the Natural Space, the Public Space and the Buildings. In a second moment, two case studies will be analyzed following the same topics, in order to demonstrate some possible ways of resolution in the insertion of the building in the terrain. The third part of the dissertation focuses on my project proposal for the Fontainhas escarpment, presenting my own vision of the building's insertion in the landscape. Finally, final considerations about the work are presented.

Keywords: Escarpa dos Guindais, Integration, Fontainhas, Avenida das Fontainhas, Student Residence

Sumário

Introdução	10
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA/MORFOLÓGICA DA ÁREA ENVOLVENTE	12
2.1 Espaços Naturais	13
2.2 Espaços Públicos	19
2.3 Edifícios	28
2.4 Conclusão	34
CAPÍTULO III - CASOS DE ESTUDO	35
3.1 Hotel Ponte de Ferro- José Gigante	36
3.1.1-Espaços Naturais	36
3.1.2- Espaços Públicos	39
3.1.3-Edifício	42
3.2 Hotel Quinta do Vallado - Menos é mais	48
3.2.1-Edifício	48
CAPÍTULO IV - RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES	52
4.1 Espaço Natural	54
4.2 Espaço públicos	56
4.3 Edifício	60
Considerações Finais	65
Bibliografia	67

Índice de figuras

Figura 1- Lavadouro das Fontainhas	11
Figura 2 - Vista da Cidade do Porto, desde a Torre da Marca até às Fontainhas. Reprodução da Gravura(excerto).	12
Figura 3 - Planta Redonda (recorte) de George Balck.....	13
Figura 4 - Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto.....	14
Figura 5 - Passeio e Lavadouro das Fontainhas	15
Figura 6 - Vista de Gaia da Escarpa logo após obras de contenção	16
Figura 7 – Porta do Sol em 1833 (vista a partir da R. do Sol).....	17
Figura 8 – Planta Geométrica da Alameda das Fontainhas	18
Figura 9 – Plano do Passeio público no sítio das Fontainhas.....	18
Figura 10 - Planta da cidade do Porto de 1883 na qual se sobrepõe a proposta de novo traçado	19
Figura 11 – Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto	20
Figura 12 - Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto.....	21
Figura 13 - Fotografia aérea da cidade do Porto de 1939-1940.	22
Figura 14- Projecto de alargamento de rua, entre o Largo da Polícia (Actor Dias) e o Passeio das Fontainhas, aprovado em 07/06/1917	23
Figura 15- Planta de estudos da frente urbana ribeirinha entre as pontes Luís I e S. João, 1998.	24
Figura 17- Vista aérea atual da zona das Fontainhas e envolvente.	25
Figura 18 - Planta (recorte) de Perry Vidal.....	26
Figura 19 - Desenho de estudo elaborado a partir da “Planta Topographica da Cidade do Porto.	27
Figura 20 - Desenho de estudo elaborado a partir da “Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira”, Folha nº5.	27
Figura 21 - Desenho do alçado de uma habitação unifamiliar, monofuncional, com o rés-do-chão sobrelevado, ainda sem cave é o primeiro exemplar, desta tipologia, com dois pisos registado nos livros “Plantas de Casas”.....	28
Figura 22- Fotografia de uma habitação representativa dessa tipologia.	29
Figura 23- Exemplo de pedidos de construção das duas tipologias em 1880.	30
Figura 24- Fotografia de uma habitação representativa dessa tipologia (atual).	30

Figura 25 – Planta do Bairro Vila Maior	31
Figura 26-Planta da Ilha Pinheiro da Fonseca	31
Figura 27 – Planta (recorte) da cidade do Porto, 1960.	32
Figura 29 - Fotografia aérea das Fontainhas, 2023	33
Figura 30 –Fotografia Hotel Ponte de Ferro.....	35
Figura 31 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro (preexistente).	36
Figura 32 – Alçado poente.....	37
Figura 33 - Vista aérea atual da zona do Hotel Ponte de Ferro e envolvente	38
Figura 34 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro (preexistente)	39
Figura 35 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro	40
Figura 36 – Alçado Sul	40
Figura 37 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro	41
Figura 38 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro.....	42
Figura 39- Alçado Norte	43
Figura 41 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro	44
Figura 42 – Planta Piso 9	44
Figura 43 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro.....	45
Figura 44 – Alçado Norte	45
Figura 45 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro.....	45
Figura 46 – Fotografia hotel quinta do vallado	48
Figura 47 – Planta de Implantação	49
Figura 49- Fotografia Hotel Quinta do Vallado.....	50
Figura 50 – Planta do piso 1	50
Figura 51 - Vista aérea atual da zona das Fontainhas e envolvente	52
Figura 52- Fotografia da Maquete do Projeto	53
Figura 53 – Planta de Implantação	54
Figura 55 – Corte Transversal Bloco 2.....	55
Figura 56 – Corte transversal Bloco 2	56
Figura 57 – Fotografia da maquete do projeto	57
Figura 58- Planta de implantação	58
Figura 59 – Alçado rua do miradouro.....	59
Figura 60 – Corte transversal Bloco 2	59
Figura 61 – Alçado Sul	60

Figura 62 – Corte transversal Bloco 1	60
Figura 63 – Fotografia da Maquete do Projeto.....	61

Introdução

A dissertação tem como objetivo demonstrar como a relação entre o edifício proposto, o espaço natural e o espaço público contribuem para a sua integração, assim como a materialidade e a forma, sendo esta feita com o auxílio de dois casos de estudo, abaixo indicados, e com a análise morfológica e urbana realizada na área envolvente. A área abrangida na análise desta dissertação situa-se desde a muralha Fernandina até ao passeio das Fontainhas, albergando toda a Alameda, sendo o principal foco o espaço onde se desenvolve o projeto da unidade curricular de Projeto 5.1/5.2 do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade Lusófona do Porto.

Como forma de metodologia, foram usadas pesquisas as plantas, desenhos, projetos, publicações impressas, trabalho de campo, bancos de dados digitais, bem como livros. Os livros foram peças fundamentais para a elaboração da análise histórica/morfológica da área envolvente.

Na realização dos dois primeiros sub capítulo, Espaço Natural e Espaço Publico, os livros de Pereira de Oliveira “O Espaço Urbano do Porto” bem como de Vítor de Oliveira “A Evolução das Formas Urbanas de Lisboa e do Porto nos Séculos XIX e XX” foram essências. Por outro lado, na elaboração do sub capítulo seguinte, Edifícios, o livro de Manuel Teixeira “Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As Ilhas do Porto”, o de Luis Berrance "Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas - 1774-1844” e o de Francisco Barrata “Transformações e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade” foram de consulta e apreciação imprescindível.

Seguidamente, analisou-se comparativamente dois casos de estudo de projetos edificados com a finalidade de perceber como a sua relação com o espaço natural, com o espaço publico e a sua forma e materialidade influenciaram na sua inserção.

A estrutura da dissertação divide-se em três partes na qual na primeira é feita uma análise morfológica e uma contextualização histórica de toda a área envolvente, sendo que a mesma se situa desde a muralha Fernandina até ao passeio das Fontainhas, abrangendo toda a Alameda desde o séc. XVIII. Esta análise é feita tendo em conta os seguintes parâmetros: o espaço natural, o espaço público e a edificação.

Na segunda parte são apresentados dois casos de estudo através de uma entrevista realizada aos arquitetos. O primeiro o Hotel Ponte de Ferro, em Vila nova de

Gaia, do arquiteto José Gigante e o segundo o Hotel Quinta do Vallado, na região do Peso da Régua, do escritório “Menos é Mais”. Esses dois projetos de arquitectura possuem uma natureza similar ao do projeto proposto na unidade curricular, inserindo-se em espaços de carácter idêntico, sendo um deles mais urbano e o outro mais rural. Os casos de estudo serão analisados seguindo a mesma grelha utilizada na parte anterior. A sua relação com o espaço natural, com o espaço publico e o edificado tendo enfoque a materialidade e a forma com vista a perceber como estes parâmetros contribuíram para a inserção do edificio no espaço.

Na última parte é a apresentada a minha proposta para a unidade curricular de projeto 5.1 e 5.2, essa também é demonstrada tendo em conta a grelha acima referida. Neste capítulo, pretendo constatar uma visão própria de como os parâmetros analisados foram agentes fundamentais na inserção do edificado no espaço urbano e na paisagem.

**CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA/
MORFOLÓGICA DA ÁREA ENVOLVENTE**

2.1 Espaços Naturais



Figura 1- Lavadouro das Fontainhas
Fonte: Autor Desconhecido.

A Alameda das Fontainhas foi inaugurada ao público a 13 de Setembro de 1769 contendo um largo com um muro desenhado por João de Almada e Mendonça.¹

Em 1785, a coroa pretendeu doar o espaço aos Agostinhos Descalços para construções de aposentos dos mesmos. A Câmara do Porto respondeu:

Pelas razões e fundamentos expressados na sua supplica regida afim de que aquelle terreno se conserve sempre no estado em que se acha e se não fazer obra alguma que prejudique a dita fonte do qual se condus a agoa para o seu colégio (S. Lourenço) e sendo tudo visto e examinado por elle juiz e vereadores logo pelo procurador da cidade foi dito e requerido que de nenhuma parte se devia emprazar o terreno baldio de que se trata nem aos reverendos suplicantes nem a pessoa alguma de qualquer qualidade que fosse pela fosse pela consequência da fonte pública que era a melhor agoa da cidade, da qual se provião todos os moradores do bairro de santo Ildefonso e havia os lavadores públicos que se manifestavao servindo o mesmo terreno baldio de coradouro da muita roupa que ali se lavava (...) e que se puser na prezença de sua majestade este motivo de utilidade pública, (...) se não emprazar nunca o dito terreno, antes se conservar na mesma forma em que se acha (AHMP, 1785, p. 129)

Através dessa citação, fica explícita a importância social da Alameda das Fontainhas, no final do século XVIII.

¹ AHMP (1785). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 129.



Figura 2 - Vista da Cidade do Porto, desde a Torre da Marca até às Fontainhas. Reprodução da Gravura(excerto).
Fonte: Manuel Marques de Aguiar (1791).

“A gravura de Manuel Marques de Aguiar do ano de 1791 demonstra que a escarpa dos Guindais foi controlada por um conjunto de muros e plataforma a cotas variadas que, por ventura, serviriam para pequenas hortas ou jardins” (Pacheco, 2019, p. 59)².

Na cartografia mais antiga, já esta representada essa mesma preocupação, contudo de forma menos rigorosa.

² Pacheco, A. L. (2019). A Escarpa dos Guindais e das Fontainhas, Apontamentos sobre desenho, projeto e transformação da cidade Dissertação apresentada ao Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por Marta Oliveira, Porto.

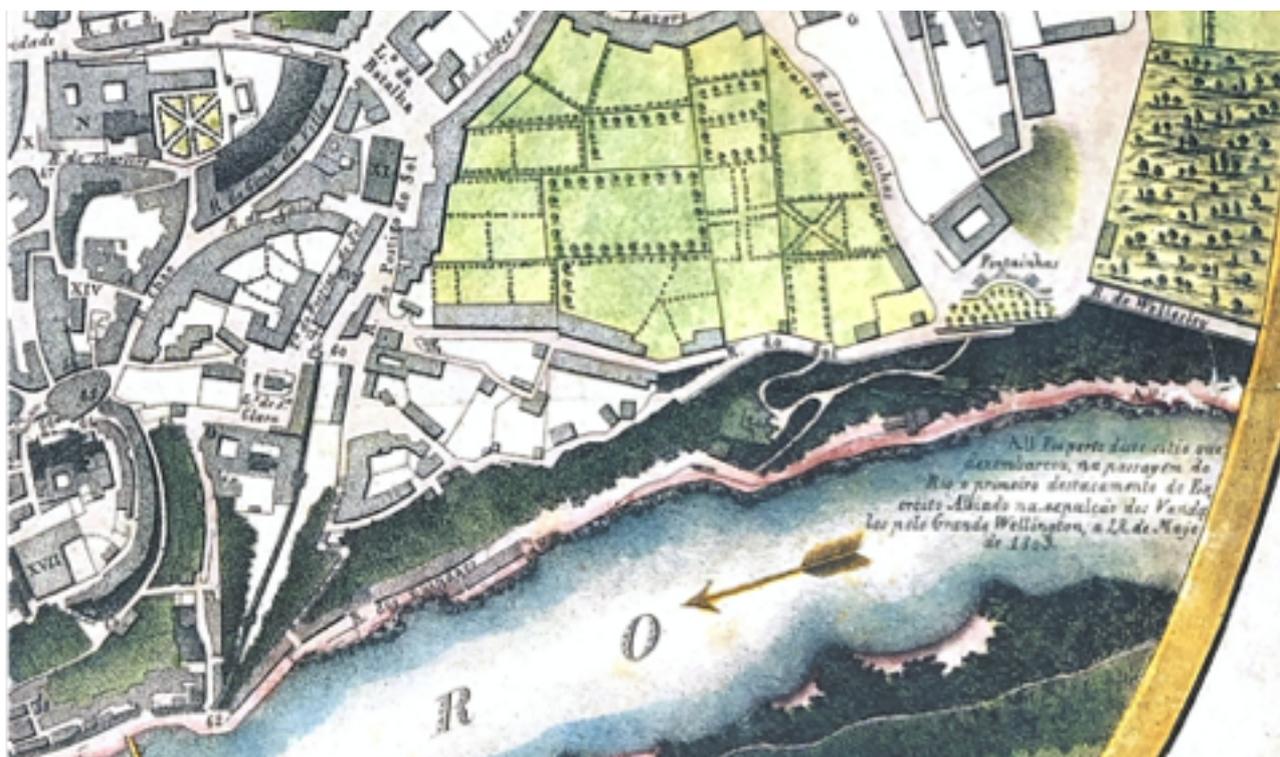


Figura 3 - Planta Redonda (recorte) de George Balck

Fonte: Arquivo Municipal (1813).

Na planta de 1813, de George Balck, a escarpa dos Guindais e das Fontainhas é apresentada na sua maioria no seu estado natural com pouca interferência humana, existindo apenas dois percursos que ligam a cota baixa à cota alta. O primeiro junto à muralha e o segundo nas Fontainhas.

Ainda é possível identificar a norte, um aglomerado de grandes terrenos agrícolas, terrenos esses que restavam das grandes quintas que ali existiam antes da expansão da cidade extramuros. “Durante os tempos medievais e modernos, os habitantes das Fontainhas, espaço rural e agrícola, estavam ligados quer aos agricultores, quer a grupos sociais proprietários da terra e que habitavam nas suas quintas”(Ferreira, 2018, p. 122).³

³ Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.



Figura 4 - Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto
Fonte: Pacheco (2019).

Na planta da cidade, realizada por Ferreira no ano de 1892, é nos permitido sustentar que, de facto, a escarpa foi alterada por estas plataformas e pelo edificado. O Passeio das Fontainhas, que seguia desde o Largo da Polícia até ao Miradouro das Fontainhas, tinha como valência não só a pretensão de ser um passeio público, bem como também a de ser um miradouro sobre o rio:

Estrategicamente posicionado sob o ponto de vista cénico e dispunha de um conjunto de árvores alinhadas que sombreavam um amplo espaço servido por uma fonte e por tanques para lavar a roupa... O Miradouro, espaço público de excepção na cidade, seria fechado em relação ao Passeio das Fontainhas e prolongava-se para nascente, a uma cota superior à linha férrea. Findo o passeio, junto ao muro da linha férrea, encontrava-se um jardim de infância...(Pacheco, 2019, p.50) ⁴.

⁴ Pacheco, A. L. (2019). A Escarpa dos Guindais e das Fontainhas, Apontamentos sobre desenho, projeto e transformação da cidade. Dissertação apresentada ao Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por Marta Oliveira, Porto.

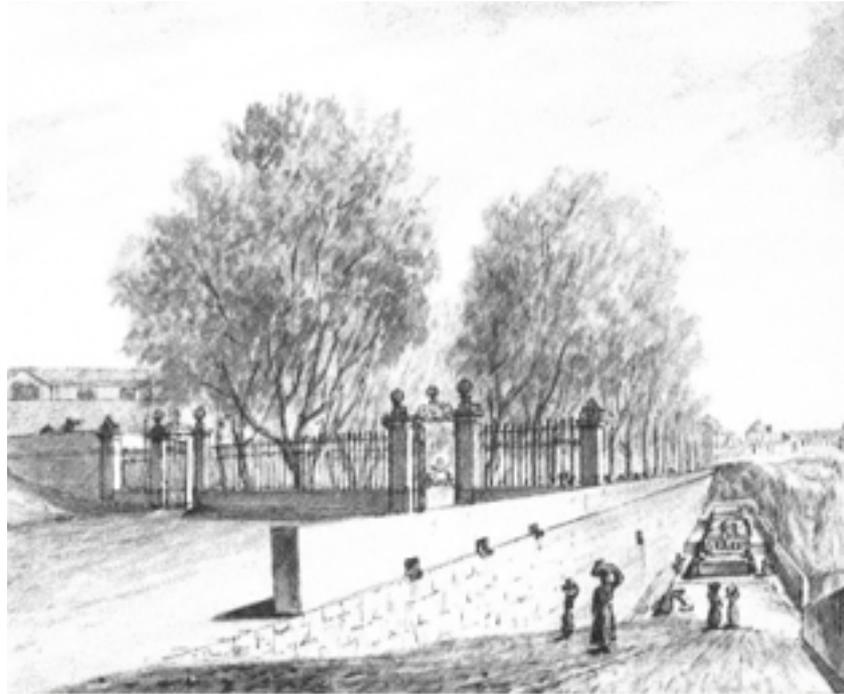


Figura 5 - Passeio e Lavadouro das Fontainhas
Fonte: Pacheco (2019).

Os muros de suporte desde à muito que marcam a paisagem da Escarpa dos Guindais e das Fontainhas, assim como refere Vieira (2009, p. 201):

Os grandes trabalhos do século XIX enfrentam todas as resistências: a da Natureza e a Outra (as máquinas não mudam de repente mentes e mãos). Sobre o rio, os grandes muros de retenção, em cantaria lavrada (ameaçados muros) reforçam as linhas da paisagem, ou transformam-na reintegrando, sobrepõem superfícies colossais, juntam monumentos, morros e terraços ao que resta das muralhas, reforçam o cinzento que o céu confirma, escavam túneis, abrindo novas perspectivas. (...).(Vieira, 2019, p. 201).⁵

⁵ Vieira, A. S..P. (2019). 01.Textos. Porto: Civilização ed.



Figura 6 - Vista de Gaia da Escarpa logo após obras de contenção
Autor: Ericksson (2020).

Nas décadas seguintes a área das Fontainhas sofreu uma degradação morosamente.

Esta advém essencialmente da erosão ocorrida nos aterros de regularização, isto é, dos socalcos suportados por alvenaria de granito (de duas micas de grão médio, conhecido como Granito do Porto) sobre o subjacente maciço rochoso, estrutura esta presente desde 1850.⁶

No decorrer da segunda metade do século XX, terão ocorrido alguns episódios de desprendimentos e queda de blocos nesta área da escarpa. Esses foram os principais motivos que conduziram progressivamente ao estado de degradação actualmente verificado no Passeio das Fontainhas, como se pode constatar pelo desaparecimento do trecho imediatamente a Sul do viaduto, a ligação do Passeio ao largo do Actor Dias. Esse percurso é actualmente realizado pela existência de uma travessia através de um parque de estacionamento público que se encontra a Norte e sob o viaduto.

⁶ Magalhães Júnior, J. A. P. (2016), Entre o Plano e o Declive, EAPA, Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Nuno Brandão Costa, Porto.

2.2 Espaços Públicos



Figura 7 – Porta do Sol em 1833 (vista a partir da R. do Sol)
Fonte: Magalhães (2016).

“A região das Fontainhas por muitos anos serviu de percurso entre a região da Catedral da Sé mais precisamente o Largo Actor Dias e a região utilizada pelas lavadeiras do Porto, o Lavadouro das Fontainhas.” (Ericksson, 2020, p. 52).⁷

Em meados de 1767 e 1769, “através de um desenho de Francisco Pinheiro da Cunha e a sua arrematação foi feita pelos mestres pedreiros Caetano Pereira e José Francisco”, (Alves, 1988, p. 492)⁸, o Postigo do Sol, também conhecido como Postigo de Santo António do Penedo ou Postigo de Santa Clara, foi substituído pela Porta do Sol. “Na forma de um arco, a Porta do Sol estava decorada pelas armas reais e por um sol e pretendia fazer a ligação entre a cidade e as Fontainhas e S. Lazaro” (Barros, 2010, p. 73).⁹ “Este era uma passagem de maior dimensão que tinha com finalidade facilitar a comunicação intramuros com a região extramuros, que começava a ganhar importância” (Mota, 2015, p. 13)¹⁰. No ano de 1769, no dia 13 de setembro foi inaugurada a Alameda das Fontainhas.

⁷ Ericksson, O. B. A. (2020) Cinemateca dos Guindais e o passeio das Fontainhas: A requalificação de um espaço expectante. Porto: Universidade Lusófona.

⁸ Alves, J. J. B. F. (1988). O Porto na Época dos Almadas: Arquitetura. Obras públicas. Porto: CMP.

⁹ Barros, S. P. (2010). A cidade dos Almadas: Das Reformas pombalinas à véspera das invasões. Porto: QuidNovi.

¹⁰ Mota, D. A. (2015). Análise histórica de uma zona urbana, Caracterização do parque das camélias e sua envolvente, Porto: Universidade Lusófona.

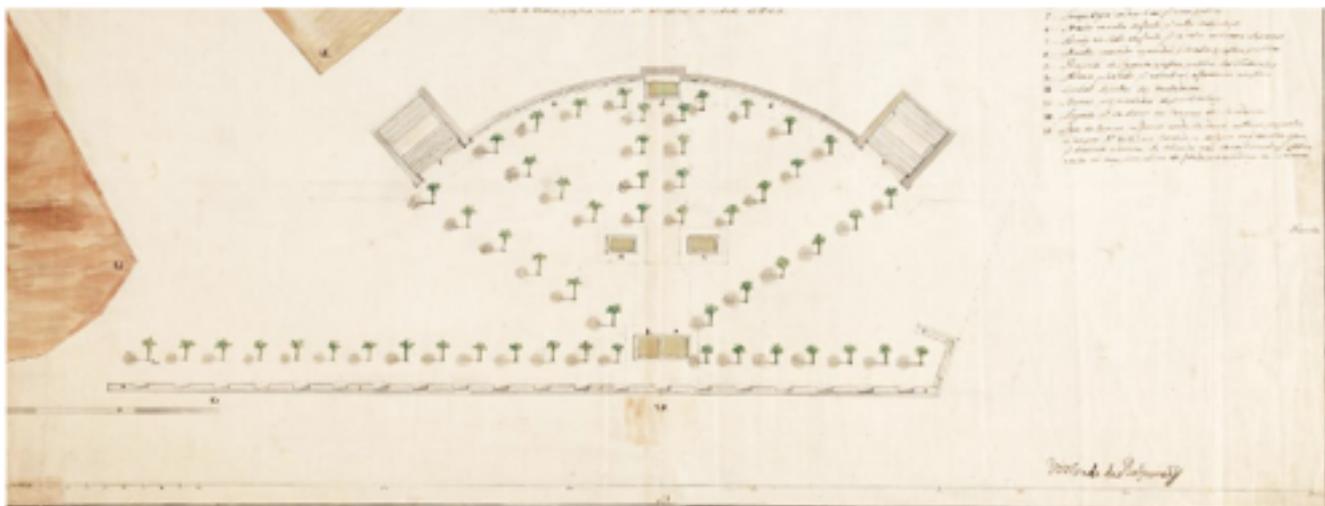


Figura 8 – Planta Geométrica da Alameda das Fontainhas
 Fonte: AHMP, Câmara Municipal do Porto (1785).

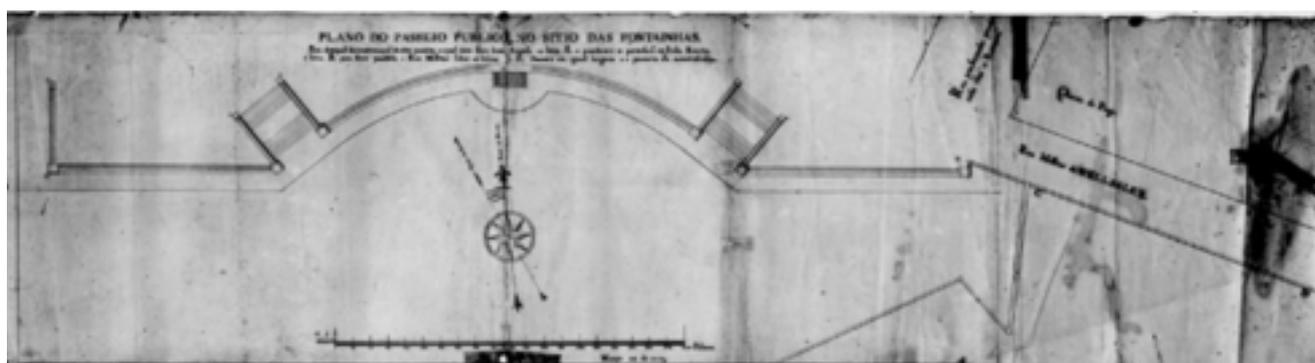


Figura 9 – Plano do Passeio público no sítio das Fontainhas
 Fonte: AHMP, Câmara Municipal do Porto, (1815).

No final do século XVIII, a Alameda tinha como uso preponderante a retirada de água da Fonte das Fontainhas. Além da importância atribuída à fonte e à água das Fontainhas, também o espaço era usado para secar e corar as roupas recém-lavadas no tanque da fonte. “Entre os anos 1801 e 1808 a Alameda é reformulada novamente ao ser construída em pedra” (Alves, 1988, p. 604)¹¹, e segundo Alves (1988, p. 598)¹² “Com uma fonte, tanques para lavar roupa e árvores dispostas simetricamente, formaria, a partir dos primeiros anos o século XIX, um local de passeio para os portuenses.”

A alameda destaca-se como um local de excelência pelas suas vistas sobre o rio Douro. Na verdade, a paisagem vista a partir da Alameda parece ter um grande valor para a cidade, “a julgar pelos alertas que, em 1813, a Câmara emite, estabelecendo a proibição de construção de casas abaixo da Alameda, pois iriam tapar as vistas do dito passeio”¹³ (AHMP, 1813, p. 35)

“Mais tarde é desenhada outra planta, desta vez pelas mãos de José Francisco de Paiva, com a data de 28 de Março de 1815, onde é possível observar os limites da Alameda e ainda a designação Quinta da Fraga no canto superior esquerdo.” (Ferreira, 2018, p. 122)¹⁴.

¹¹ Alves, J. J. B. F. (1988). O Porto na Época dos Almadas: Arquitetura. Obras públicas. Porto: CMP.

¹² Alves, J. J. B. F. (1988). O Porto na Época dos Almadas: Arquitetura. Obras públicas. Porto: CMP.

¹³ AHMP (1813). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.

¹⁴ Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.



Figura 10 - Planta da cidade do Porto de 1883 na qual se sobrepõe a proposta de novo traçado
Fonte: Autor desconhecido (1883).

Destacamos a nova rua proposta (“rua projectada”) entre a Av. Vimara Peres e o passeio das Fontainhas, podendo-se deduzir assim a intenção de fazer do passeio das Fontainhas como principal acesso, após cruzada a ponte Luís I, ao lado nascente da cidade.

Em 1851, inicia-se na cidade “uma nova era política e urbanística com a chegada do António Maria de Fontes Pereira de Melo” ao governo do Reino. (Ribeiro, 1997)¹⁵.

Durante os seus anos no governo foram implementados inúmeros projetos urbanísticos, sendo as Fontainhas uma das áreas abrangidas, onde a preocupação com a higiene, com a iluminação, com o abastecimento de água, com a organização dos edifícios e das construções eram a prioridade. (Ferreira, 2018, p.73).¹⁶

Em 1875 procede-se à demolição da Porta de Sol anunciando já o início da construção da Ponte Luis I em 1881, que teve como ponto de ancoragem definitivo do tabuleiro superior o remate da actual Avenida da Ponte. O traçado definitivo desta via, vencido o Rio Douro, continuava pelo Morro da Penaventosa a Nascente da Sé Catedral, inflectindo para a demolida Porta do Sol, direccionando-se então para a Praça

¹⁵ Ribeiro, M. M. T.. (1997). A Regeneração e o seu significado. José Mattoso. História de Portugal. Lisboa : Editoria Estampa, Lda..

¹⁶ Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.

da Batalha. A 31 de Outubro de 1886 é aberto ao público o tabuleiro superior da Ponte Luis I (estrada Lisboa – Porto), e no ano seguinte, no ano de 1887 é aberto o tabuleiro inferior (união das margens ribeirinhas de Porto e Gaia). (Martins, 2014)¹⁷.



Figura 11 – Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto
Fonte: A. G. Telles Ferreira (1892).

¹⁷ Martins, C. H. M. R. (2014). O programa de obras públicas para o território de Portugal Continental, 1789-1809 : intenção política e razão técnica: o porto do Douro e a cidade do Porto. Tese apresentada em Arquitectura, na especialidade de Teoria e História da Arquitectura, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para obtenção de grau de doutor, orientado por Mário Júlio Teixeira Kruger e Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, Coimbra.

Nas décadas posteriores, foram elaborados alguns projetos com maior interferência morfológica com é o caso do alargamento do Passeio das Fontainhas e da construção de um elevador que ligava a parte baixa à parte alta da cidade junto à muralha. Naquele momento, a ligação ente a beira rio e a cidade alta era particularmente difícil, sendo que nessas zonas, encontravam-se importantes programas de carácter funcional, económico e simbólico para a cidade. “Sente-se assim, uma forte necessidade/vontade de unir ambas as partes de uma forma eficiente, quer no que toca ao transporte de pessoas, bem como o de mercadorias” (Magalhães Júnior, 2016, p. 38).¹⁸

O Elevador dos Guindais à Batalha começa a ser idealizado em 1882, projectado em 1887, construído em 1890 e finalmente terá sido inaugurado a 4 de Junho de 1891. Da autoria de Raúl Mesnier, era composto por 2 carruagens principais com capacidade para 40 passageiros e pequenas mercadorias, bem como uma carruagem secundária (carro contrapeso) de capacidade idêntica mas cujo percurso se efectua somente entre o cais dos Guindais e o ponto médio do percurso no local da casa das máquinas. Este percurso tinha a duração aproximada de 5 minutos ...um gravíssimo acidente ocorrido a 5 de Junho de 1893 no Elevador dos Guindais à Batalha resultou no seu encerramento precoce. (Magalhães Júnior, 2016, p. 38-39).¹⁹

Na planta, datada de 1883 de Teles Ferreira, é possível denotar o crescimento exponencial que a cidade teve. Destaca-se a abertura de novas ruas necessárias para a comunicação com a cidade que surgia a oriente, como é exemplo a rua Alexandre Herculano, a rua Duque de Loulé, assim como a atual rua Saraiva de Carvalho, estando essa última intimamente relacionada com a entrada do tabuleiro superior da Ponte Luis I.

¹⁸ Magalhães Júnior, J. A. P. (2016), Entre o Plano e o Declive, EAPA, Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Nuno Brandão Costa, Porto.

¹⁹ Magalhães Júnior, J. A. P. (2016), Entre o Plano e o Declive, EAPA, Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Nuno Brandão Costa, Porto.

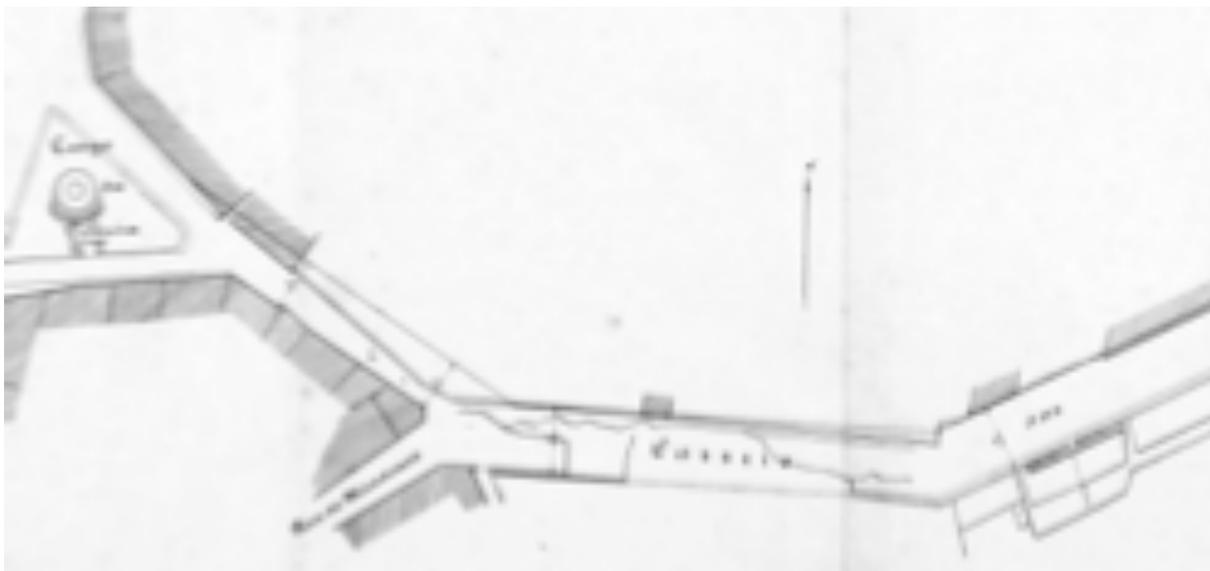


Figura 12 - Planta (recorte) topográfica da Cidade do Porto
Fonte: De A. G. Telles Ferreira (1892).



Figura 13 - Fotografia aérea da cidade do Porto de 1939-1940.

Fonte: Magalhães Júnior (2016).

No que toca ao alargamento do passeio em 1917 (Figura 12), este veio a assumir-se como marginal à cota mais alta, ligando o Passeio das Fontainhas a principal entrada da cidade a sul pelo tabuleiro superior da Ponte Luís I. No entanto, podemos refletir que a essa data já não seria possível a abertura da “rua projectada” (Figura 10) devido a classificação como “Monumento Nacional” dos troços sobreviventes da muralha medieval.



Figura 14- Projecto de alargamento de rua, entre o Largo da Polícia (Actor Dias) e o Passeio das Fontainhas, aprovado em 07/06/1917
 Fonte: Magalhães Júnior (2016).



Figura 15- Planta de estudos da frente urbana ribeirinha entre as pontes Luís I e S. João, 1998.²⁰
 Fonte: CMP/CRUARB (1998).

Posteriormente:

A 28 de Julho de 1978 é lançado pela Câmara Municipal do Porto, Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras, o concurso para a adjudicação da empreitada referente à primeira fase do projecto de “Prolongamento da Rua Duque de Loulé”. Esta referida fase corresponde à construção do viaduto e das áreas de acesso, assim como a demolição prevista na planta de expropriações. Esta infra-estrutura desenvolve-se em arco de círculo inscrito na escarpa com uma extensão de 120 metros e o seu perfil desenvolve-se a aproximadamente 3 metros do terreno natural. (Magalhães Júnior, 2016, p. 38)²¹

²⁰ Indicação das expropriações a executar na malha da cidade para a libertação e ordenamento do território para a construção do viaduto.



Figura 16- Vista aérea atual da zona das Fontainhas e envolvente.

Fonte: Autor (2023).

O Passeio das Fontainhas acaba por perder protagonismo em relação ao viaduto da Rua Gen. Souza Dias, este passou a assumir a carga viária do topo marginal junto à Sé. Simultaneamente, uma série de derrocadas por forças naturais romperam a Alameda a sul do novo viaduto e perde-se então nesse momento o elo que existe entre o Largo da Praça Actor Dias e o Largo do Lavadouro das Fontainhas, distância entre ambos de aproximadamente 600 metros.²¹ (Ericksson, 2020). Este Passeio tornou-se público a todos os que queriam admirar as vistas do rio Douro. Contudo, com a intervenção que aconteceu neste espaço no século XXI, a construção da ponte do Infante “desfigurou” o Passeio. Até há algum tempo atrás, aquilo que fora anteriormente um lugar de passeio e convívio, é agora um misto de parque de estacionamento e de resquícios de um espaço público, cuja função não é clara.

²¹ Magalhães Júnior, J. A. P. (2016), *Entre o Plano e o Declive*, EAPA, Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Nuno Brandão Costa, Porto.

2.3 Edifícios



Figura 17 - Planta (recorte) de Perry Vidal

Fonte: CMP/CRUARB (1865).

Como referido anteriormente, é no século XIX que ocorre um grande desenvolvimento nesta área e se inicia a construções de habitações diferentes das quintas que ali existiam, contrapondo os tempos medievais e modernos, onde as Fontainhas se caracterizavam por ser um espaço rural, onde todos os seus habitantes estavam relacionadas à agricultura. (Ferreira, 2018, p. 122).²² Nos finais do século XIX, a cidade do Porto expandira a suas fronteiras para fora das muralhas, o que provocou o urbanismo das áreas envolventes a muralha, sendo uma delas as Fontainhas.

Uma dos primeiros relatos de casas nas Fontainhas é de 1739:

Auto de vistoria em umas das casas que Theodorio Stembrer andava edificando no dito sitio, e terreno que o dito autoado declarou ser pretença do seu prazo. Foi-lhe determinado que apesentasse uns títulos ou prazo no primeiro dia de vereação, para se lhe fazer exame na mediação”.²³ (AHMP,1813,p. 6)

²² Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.

²³ AHMP (1813). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.

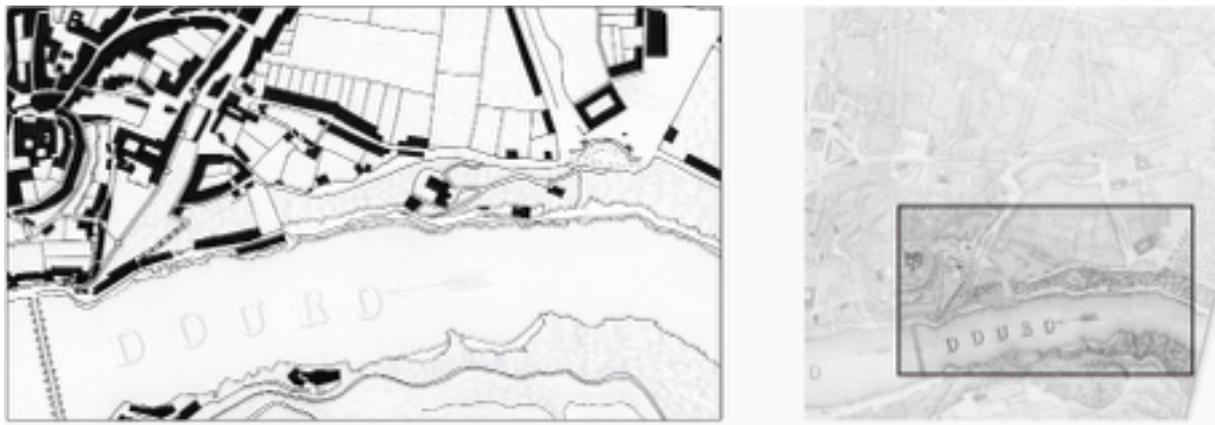


Figura 18 - Desenho de estudo elaborado a partir da “Planta Topographica da Cidade do Porto.”²⁴

Fonte: Pacheco (2019).



Figura 19 - Desenho de estudo elaborado a partir da “Planta da Cidade do Porto levantada sob direcção de Augusto Gerardo Teles Ferreira”, Folha nº5.

Fonte: Pacheco (2019).

Podemos observar através da comparação dos dois mapas (Figuras 19 e 20) que esta parte da cidade cresceu exponencialmente nos aproximadamente cinquenta anos que as separam, sendo um dos principais motivos a introdução da indústria na parte oriental da cidade, nomeadamente a Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho. A pequena indústria doméstica que se instala na encosta começou também a adquirir uma importância significativa na vida da cidade. De forma semelhante, as residências dos operários instalam-se junto das fábricas, justificando o número considerável de bairros operários na encosta. (Pacheco, 2019).²⁵

²⁴ Onde se veem exactamente marcados todos os Edifícios, Praças publicas, e ruas novas abertas, bem como alguns projectos aprovados pelas Authoridades Municipaes, para maior comodidade de seus habitantes, e beleza da mesma Cidade.

²⁵ Pacheco, A. L. (2019). A Escarpa dos Guindais e das Fontainhas, Apontamentos sobre desenho, projeto e transformação da cidade Dissertação apresentada ao Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por Marta Oliveira, Porto.



Figura 20 - Desenho do alçado de uma habitação unifamiliar, monofuncional, com o rés-do-chão sobrelevado, ainda sem cave é o primeiro exemplar, desta tipologia, com dois pisos registado nos livros “Plantas de Casas”.
Fonte: Fernandes (1999).



Figura 21- Fotografia de uma habitação representativa dessa tipologia.
Fonte: autor (2023).

“Todas as habitações construídas nos inícios e até meados do século XIX nas Fontainhas refletiam uma arquitetura nova de estilo burguês onde a principal preocupação era o conforto” (Fernandes, 1999, p. 174).²⁶ Inspirando-se nas casas nascidas do tempo dos Almadãs e na comunidade inglesa, estas habitações normalmente, prolongavam-se por jardins, pomares, ou hortas nas traseiras (Fernandes, 1999). “Eram prédios de um máximo de três andares, onde as medidas das janelas variavam entre 1.1m a 1.2m e as portas de entrada eram estreitas” (Fernandes, 1999, 174).²⁷

²⁶ Fernandes, F. B. (1999). Transformações e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

²⁷ Fernandes, F. B. (1999). Transformações e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

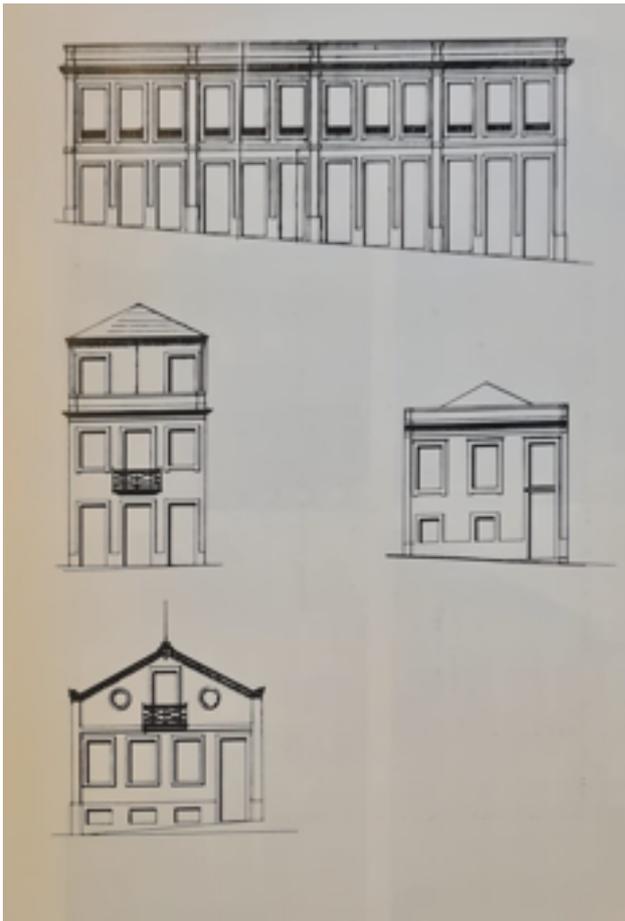


Figura 22- Exemplo de pedidos de construção das duas tipologias em 1880.

Fonte: Fernandes (1999).



Figura 23- Fotografia de uma habitação representativa dessa tipologia (atual).

Fonte: autor (2023).

Primentel (apud Cruz, 1994) escreveu na sua obra “*O Porto por fôra e por dentro*”, relativamente à casa portuense:

É independente, confortável, clara, arejada, tem o seu quintalinho com as suas roseiras, os seus alecrins, os seus lilases. Das janelas que dão para o quintal vê-se através das taboinhas (...) do arvoredado, florejar sobre elle a mão da primavera. (...) A luz dos aposentos, coada pelo arvoredado e pelas taboinhas, (...) (Cruz, 1994, p. 360).²⁸

“Segundo as palavras de Alberto Pimentel, os novos arquitetos do século XIX procuravam não só conforto, mas também um local que fosse iluminando e arejado, talvez devido à preocupação com a higiene. (Ferreira, 2018, p. 124).²⁹

²⁸ Cruz, M. A. (1994). *Os Burgueses do Porto*. Porto : Fundação Eng. António de Almeida.

²⁹ Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). *A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX*. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.

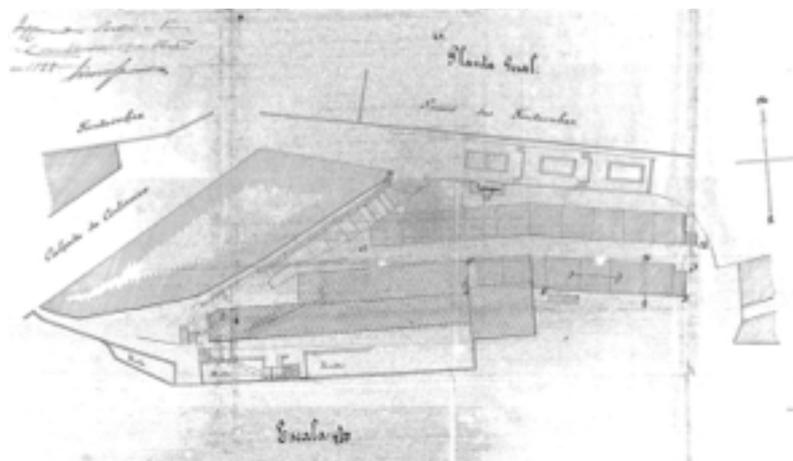


Figura 24 – Planta do Bairro Vila Maior
 Fonte: AHMP (1899).

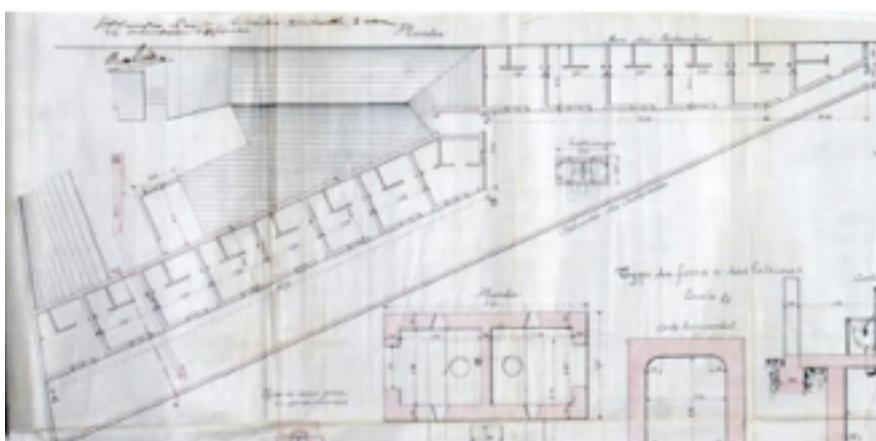


Figura 25-Planta da Ilha Pinheiro da Fonseca³⁰
 Fonte: AHMP (1899).

Com este desenvolvimento significativo da cidade, novas famílias rurais chegam em procura de trabalho na indústria, contudo sem possibilidades financeiras, aceitando dessa forma as habitações sem quaisquer condições de habitabilidade (Fernandes, 1999).³¹. Então, iniciaram-se algumas construções em volta desta fábrica para alojar os operários que aí trabalhavam. Alguns desses exemplos são a Ilha Vila Maior (Figura 26), a Ilha do Cantarino, a ilha 50, a Ilha Olímpia, a Ilha Maria Vitorino e a Ilha Pinheiro da Fonseca.(Figura 27)

As ilhas possuem organizações variadas sendo um delas o alinhamento de casas usualmente de um piso ao longo de um pequeno caminho e partilhando cada cinco casas uma única casa de banho com apenas uma sanita. As áreas destas casas não ultrapassavam os 16m², com apenas uma janela e uma porta. (Pinto, 2007, p. 128).

³⁰AHMP (1813). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.

³¹ Fernandes, F. B. (1999). Transformações e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.



Figura 26 – Planta (recorte) da cidade do Porto, 1960. ³²
Fonte: AHMP (1899).



Figura 27 - Fotografia aérea das Fontainhas, 2023
Fonte: Autor (2023).

Na comparação desta parte da cidade entre o anos de 1960 e 2023, podemos observar que existiu uma grande mudança urbanística, desde o facto de que nas habitações existentes terem sido acrescentados novos pisos de forma a albergar o crescimento evidente da cidade. Foram também verificadas mudanças ao nível urbanístico em três locais distintos: o primeiro, mais a ocidente teve como principal causa a construção do novo viaduto, levando à demolição de inúmeras habitações. O segundo foi a demolição do Bairro da Tapada com a intenção da consolidação da escarpa, uma vez que este se apresentava com pouca condições de habitabilidade e a escarpa se encontrava instável. Por último, a construção da Ponte do Infante, onde se pode verificar que no terreno inferior ao tabuleiro as habitações são praticamente inexistentes.

³² AHMP (1889). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.

2.4 Conclusão

Através desta análise realizada anteriormente, podemos concluir que a escarpa dos Guindais e das Fontainhas, desde o séc. XVIII, é marcada pelos muros que suportam a mesma. Foi possível perceber também que o Passeio das Fontainhas tinha não só um papel importante de ligação entre a zona da Sé e a nova cidade que nascia a oriente, como também um lugar de contemplação. A cidade a oriente começou a consolidar-se na segunda metade do séc. XIX, tendo surgido novos bairros onde habitavam os operários da indústria que se fixara neste local.

Ao longo das últimas décadas, as Fontainhas terão começado a degradar-se, ocorrendo alguma episódios de desprendimento e queda de blocos, sendo que um desses mesmo episódios culminou na queda do trecho, onde incide o projeto do 5º ano. Durante o séc. XX surgiram alguns projetos para a requalificação daquela área, sendo um deles o alargamento do passeio em 1917 e a construção do viaduto em 1965. Podemos concluir que a Alameda das Fontainhas sofreu uma queda de protagonismo, resultado da construção do viaduto e da sua rutura, causada pelas derrocadas.

CAPÍTULO III - CASOS DE ESTUDO

3.1 Hotel Ponte de Ferro- José Gigante

3.1.1-Espaços Naturais



Figura 28 –Fotografia Hotel Ponte de Ferro

Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

O Hotel Ponte de Ferro está localizado em plena serra do pilar, imediatamente abaixo do mosteiro da Serra do Pilar, que foi construído em 1538. Este há vários anos que funciona como quartel militar e é atualmente classificado com Património Mundial, segundo a UNESCO. O projeto do hotel é da autoria dos arquitetos José Gigante e Manuel Fernando Santos em colaboração com José Almeida e André Gigante e teve início em 2013 e foi concluído em 2021.



Figura 29 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro (preexistente).
Fonte: Arquivo José Gigante.

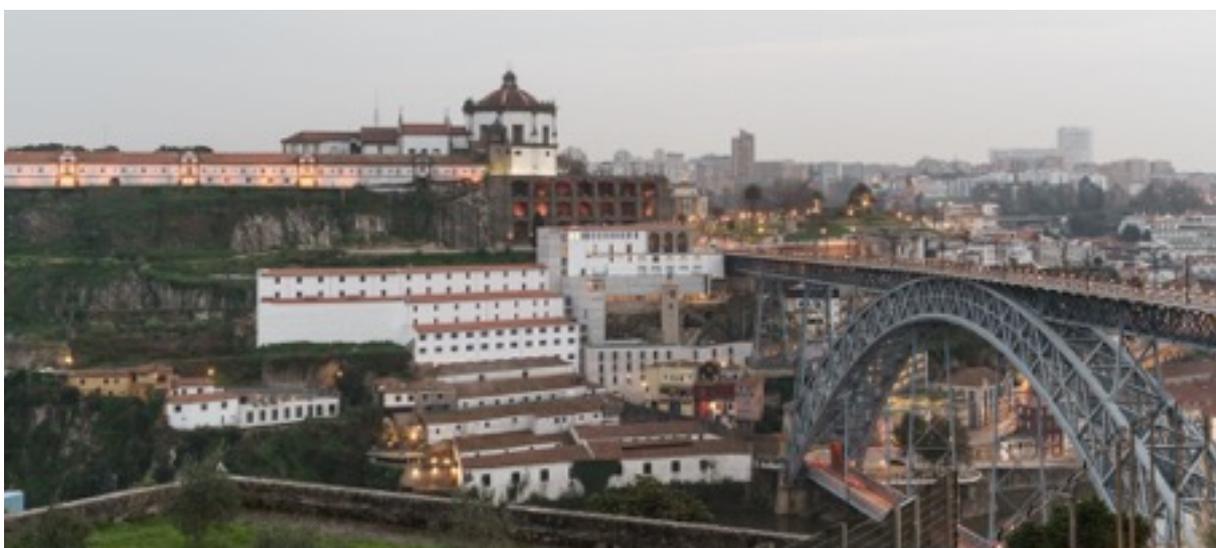


Figura 32 – Fotografia hotel ponte de ferro
Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

As margens do Rio Douro são balizadas pelas escarpas que ao longo dos anos foram sendo ocupadas pelo Homem. Uma vez no local a nossa percepção é que a escarpa enquanto espaço natural, foi tomada de forma mimética pela arquitetura. O local era composto por uma série de pré-existências de antigos armazéns de vinho do Porto escalonados ao longo da escarpa, construídos com paredes de alvenaria de granito. O local do projeto era caracterizado por um conjunto de armazéns e adegas que estavam construídas em contatos diferentes acompanhando o declive da escarpa. Estes estavam intimamente relacionados com a Ponte Luís I que no final do século XIX passou a ligar as cidades de Porto e Vila Nova de Gaia. Existia ali ainda um edifício à cota superior onde em tempos funcionou o denominado Casino da Ponte, um espaço de jogo clandestino.

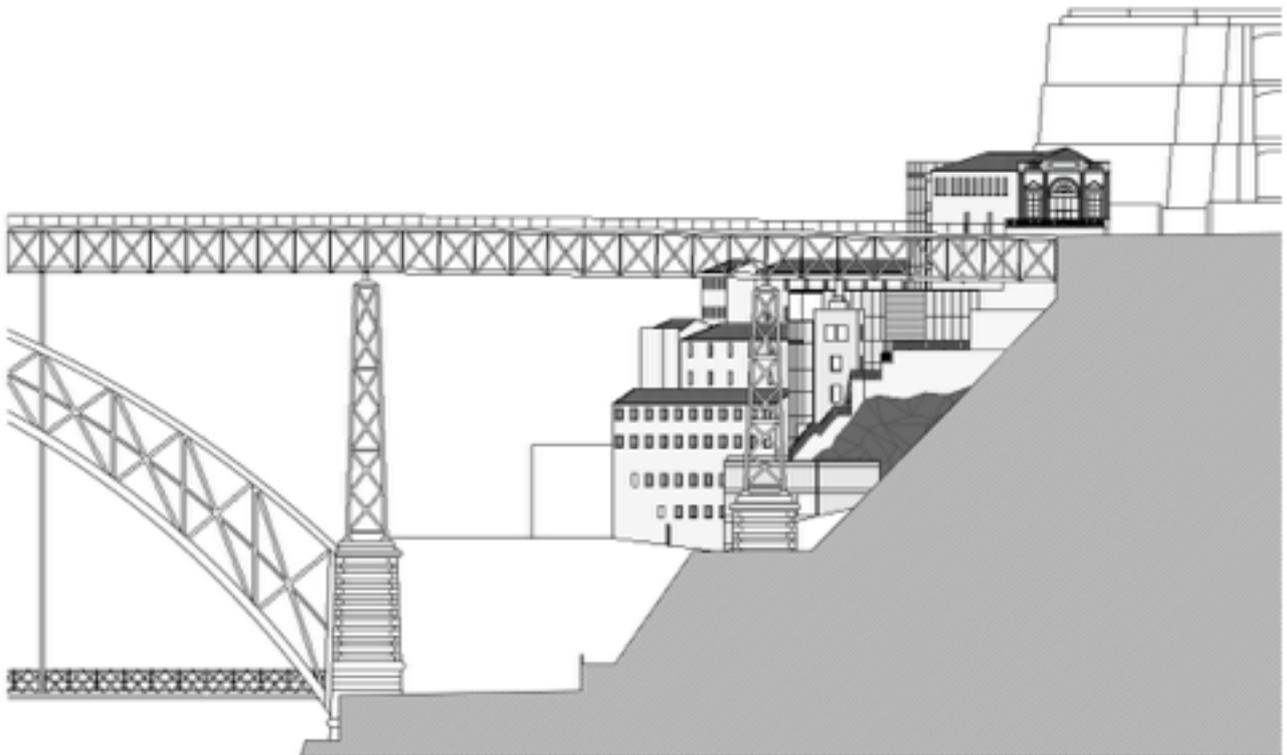


Figura 30 – Alçado poente
Fonte: Arquivo José Gigante.

O projeto partiu da concordância do existente com a proposta programática tendo como principal objetivo a valorização da vista, então surge a ideia de implantar o programa no conjunto de edifícios pré existentes de forma a criar uma ilusão de que a paisagem fosse pouco alterada, uma vez que se tratava de um local com uma imagem importante para a cidade.

Constitui este conjunto uma unidade sedimentada no espaço urbano envolvente, complementando-o no desenho de uma sólida base do Mosteiro da Serra do Pilar. Pelo modo como se implanta é legível a relação mutuamente contemplativa que estabelece com a paisagem, transformando-o em elemento indissociável da Arquitectura do Lugar. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

O arquitecto tem o dever de usar como objecto de trabalho, como estímulo na formação de uma ideia de integração do edifício no espaço urbano em que se insere. E essa visão é muito evidente neste projecto onde os volumes preexistentes dos antigos armazéns vinícolas se mantêm integralmente, consolidando um princípio conceptual de diluição do hotel no conjunto construído da escarpa. A tal ponto que não se percebe bem onde termina o hotel e começa a envolvente. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

3.1.2- Espaços Públicos

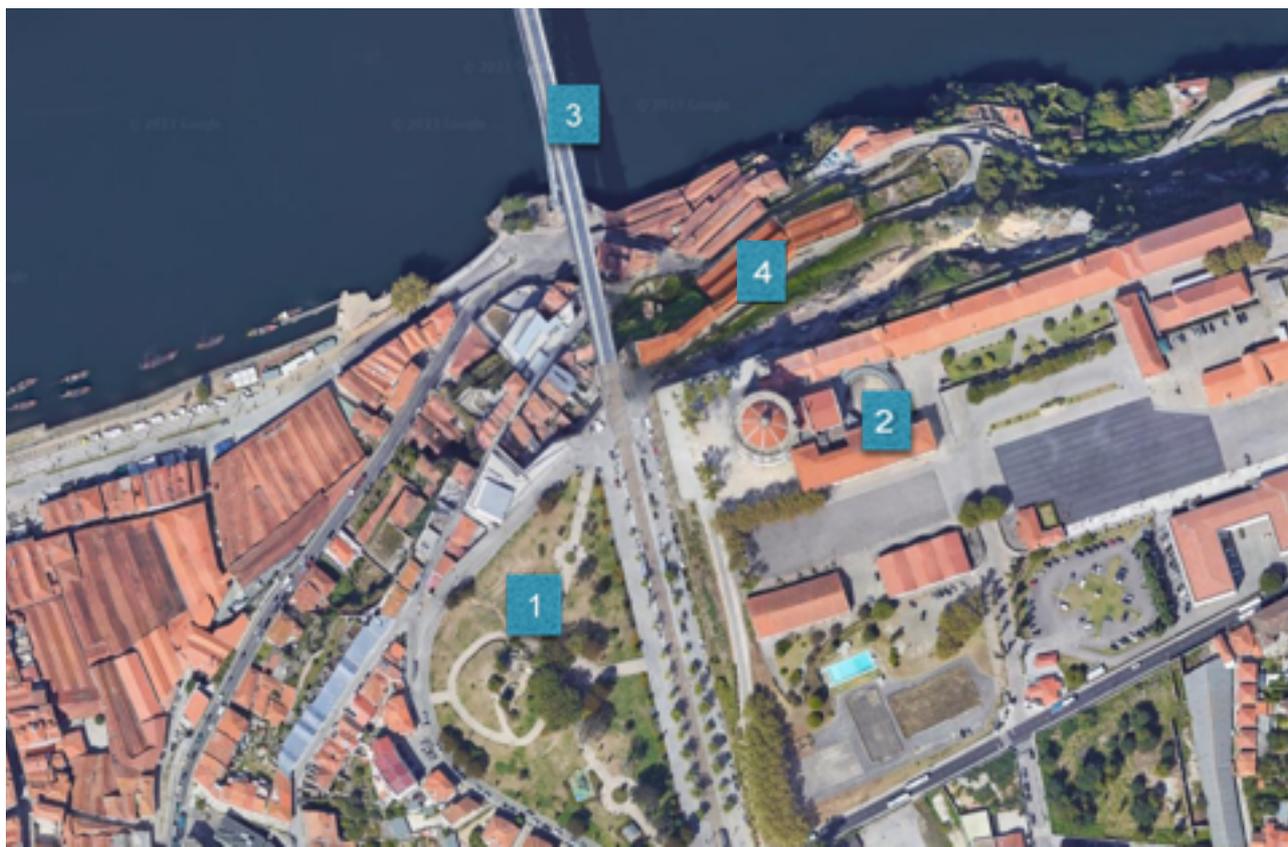


Figura 31 - Vista aérea atual da zona do Hotel Ponte de Ferro e envolvente³³
Fonte: Autor (2023).

A Serra do Pilar e toda a sua envolvente tem um forte papel na dinâmica da cidade de Gaia, uma vez que é uma área de confluência de varias funcionalidades. Ela constitui uma das principais entradas na cidade do Porto, por um lado pela passagem do metro e por outro lado pela proximidade pedonal dos dois centros urbanos. É caracterizado ainda pelos seus jardins e praças que tem não só a função inerente mas como também a de miradouro, que contempla uma das melhores vistas sobre a cidade do Porto. Por essa razões é que está parte da cidade é diariamente visitada por milhares de pessoas.

³³ 1- Jardim do Morro
2- Mosteiro da Serra do Pilar
3- Ponte Luís I
4- Hotel Ponte de Ferro



Figura 32 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro (preexistente)
Fonte: O Guia (2023).³⁴

A Serra do Pilar é ainda caracterizada pelo seu monumental mosteiro que se encontra no seu topo que contempla um miradouro único e é caracterizado com um espaço de passagem, paragem e contemplação, contendo também uma vista singular. Contudo, o resto da escarpa encontrava-se um pouco descaracterizada e descuidada, especialmente imediatamente abaixo, no local do projeto. Existiam naquele local um conjunto de antigos edifícios desocupados e degradados que termos visuais destoavam de toda a envolvente. Em contrapartida, o lado oeste da ponte encontrar-se completamente consolidado.

Ao manter os edifícios preexistentes e ampliar ou alterar os mesmos mantendo os materiais e sistemas construtivos procurou-se consolidar a imagem e sentido urbano do conjunto. Essa consolidação torna-se tão mais importante quanto se evita a afirmação de uma caracterização formal própria tão vulgarizada na arquitetura contemporânea. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

A delimitar a área de projeto existe a Rua do Casino da Ponte e a Rua Cabo Simão que em conjunto formam um dos principais percursos de ligação em termos pedonais e viários da cota alta da serra a cota baixa.

³⁴ Mosteiro da Serra do Pilar. **O Guia**. Disponível em: <<https://bit.ly/3ND4avA>>. Acesso em: 10 jun. 2023.



Figura 33 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro
Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

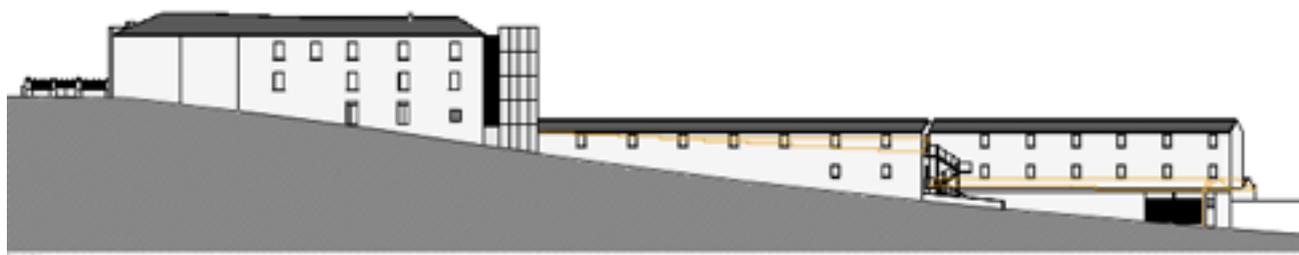


Figura 34 – Alçado Sul
Fonte: Arquivo José Gigante.

O hotel teve um papel fundamental na consolidação daquela zona da cidade, visto que por um lado permitiu criar uma base sólida no enquadramento da Serra do Pilar, retirando aquela imagem descuidada que ali preexistia. por outro lado permitiu tornar todo o percurso desde a cota superior a inferior um momento agradável, como podemos ver na imagem.

O complexo construído englobado pelo projecto tem uma dimensão tal que lhe confere grande importância na caracterização da escharpa. Quanto mais “silenciosa” for a intervenção melhor respira a arquitectura da escharpa no seu todo, promovendo uma base sólida do belíssimo Mosteiro da Serra do Pilar. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

3.1.3-Edifício



Figura 35 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro
Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

O projeto do Hotel foi uma consequência do preexistente que partiu não só da reabilitação dos armazéns que ali existiam mas também da sua ampliação, de forma a corresponder a necessidade programática exigida.

O conjunto preexistente é constituído por três volumes de antigos armazéns vinícolas, construídos com alvenaria de granito, escalonados ao longo da escarpa que desce até ao rio, e ainda por um edifício à cota superior onde se situa a recepção do Hotel. A cada um dos três armazéns é adicionado um piso novo, mas desenhado em continuidade na forma e no sistema construtivo, criando a ilusão de pouco ter mudado. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

Contudo, a principal dificuldade neste projeto foi por um lado a dificuldade em construir numa escarpa, como o próprio arquiteto refere, e a forma com se articulam as ligações verticais e horizontais entre os vários andares do hotel. Por outro lado, a questão de conseguir conciliar a exigência programática sem alterar de forma significativa o existente.

O grande desafio foi conseguir integrar um programa tão complexo como o de um Hotel sem alterar significativamente o conjunto construído preexistente. Um aspecto muito difícil foi o da articulação entre acessos comuns verticais e horizontais, já que o projecto inclui 12 pisos. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].



Figura 36 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro
Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

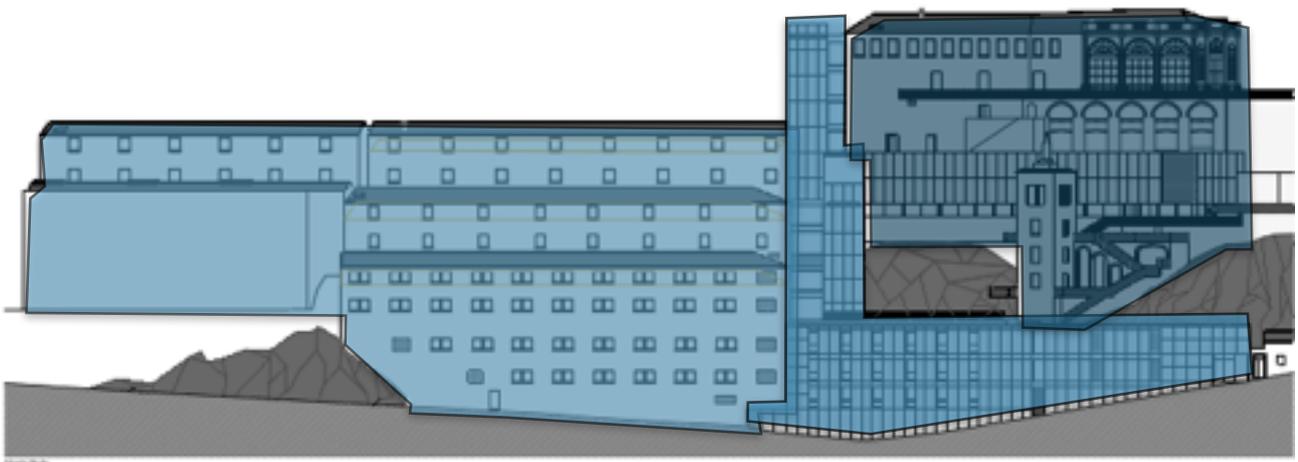


Figura 37- Alçado Norte
Fonte: Arquivo José Gigante.

Podemos observar ainda que o projeto se divide em três partes bem distintas, diferenciando-se não só na materialidade mas também com na sua linguagem. Na primeira, se localizam todas as áreas publicas e comuns que esta relacionada com o espaço publico existente a cota superior da ponte, a segunda são os elementos verticais que ligam os vários blocos de dormitórios e os espaços comuns e, por último, os blocos de dormitórios.

Figura 38 - Fotografia Hotel Ponte de Ferro
Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

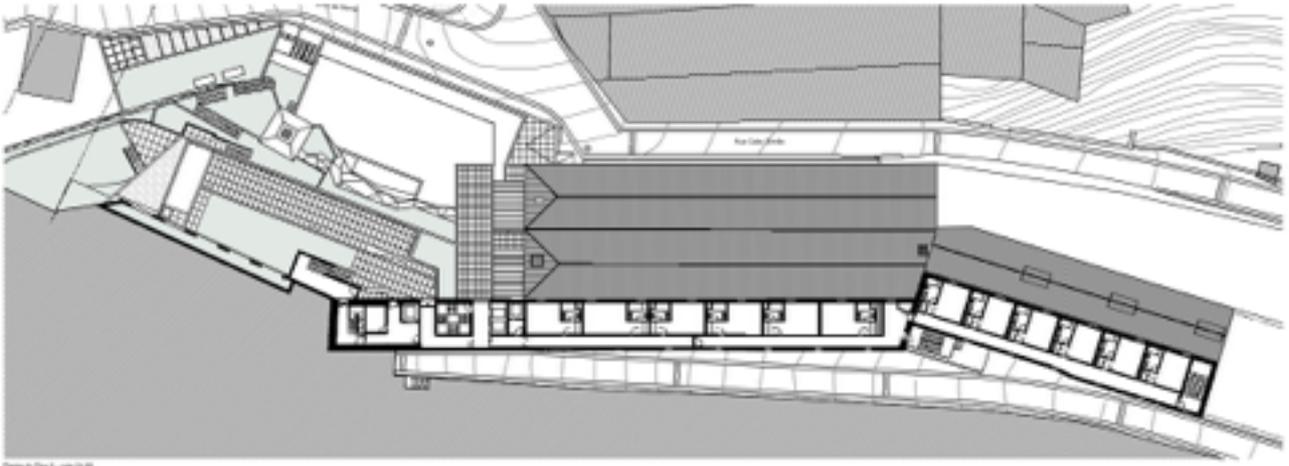


Figura 39 – Planta Piso 9
Fonte: Arquivo José Gigante.

O projeto deteve como premissa a recriação do que ali havia existido. Por esse motivo, a volumetria alongada que define o edificado procura assemelhar-se as caves do vinho do Porto que caracterizam a margem de Vila Nova de Gaia. As coberturas de telha em duas águas presentes no novo projeto são outra característica que remetem aos antigos armazéns vinícolas.



Figura 40 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro



Autor: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

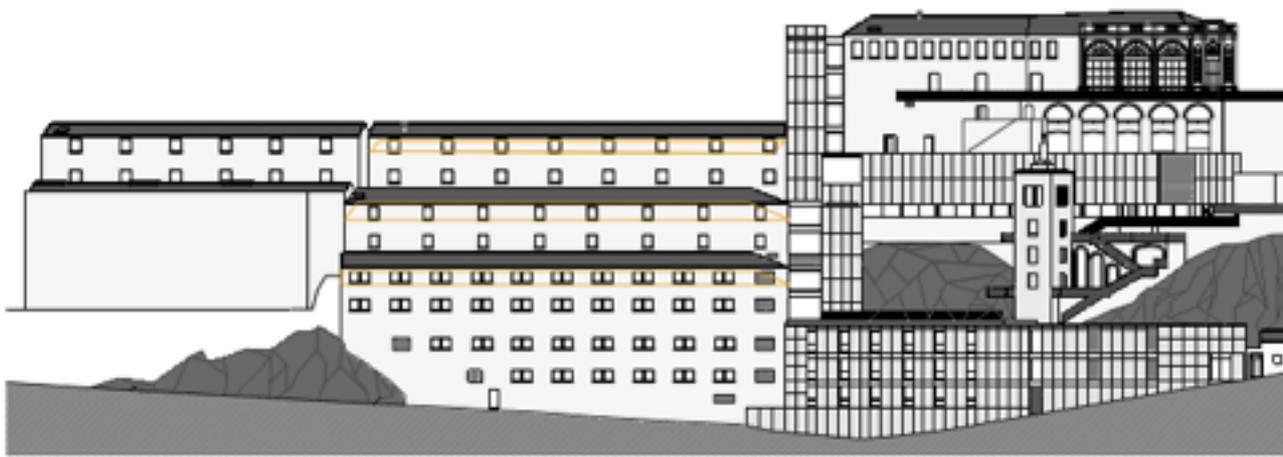


Figura 41 – Alçado Norte
Fonte: Arquivo José Gigante.

No que toca ao desenho dos alçados o projeto manteve-se fiel aos vãos existentes, buscado mais uma vez a ilusão de pouco ter sido alterado. Apesar de os blocos dos dormitórios em termos volumétricos funcionarem como um todo, é na abertura de vãos que eles se diferenciam, tal como já se encontravam antes da intervenção. Como podemos ver no alçado e na imagem acima, os vários blocos onde se encontram os dormitórios do hotel apresentam aberturas de dimensão diferente. É ainda possível identificar que os blocos dos dormitórios apresentam vãos bastante distintos das outras partes do edifício.



Figura 42 – Fotografia Hotel Ponte de Ferro
Fonte: Marta Maria Ferreira / Luís Ferreira Alves.

O edifício apresenta vários métodos construtivos na parte do edifício onde se encontra as áreas públicas existem um conjunto variado de métodos construtivos desde paredes de pedra rebocadas e sem reboco a paredes de betão a vista. Já na zona dos elementos e ligação e no bloco de quartos na cota mais inferior junto a calçada da serra, há uma fachada de betão aparente. Por outro lado, na zona dos dormitórios, os blocos apresentam paredes de alvenaria de pedra pintadas de branco, o mesmo das antigas caves que ali existem, uma vez que a imagem pretendia para o projeto era que parecesse que quase não existiu uma intervenção e que fosse o mais harmonioso com a envolvente.

É na manutenção das estruturas e materiais preexistentes e na sua completagem baseada nos mesmos sistemas construtivos que reside a procura da sustentabilidade que sempre decorre da reciclagem propositiva como matéria de consolidação da ideia de Arquitectura que move o projecto. [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

Por fim, podemos concluir que esse projeto sempre teve com principal objetivo conciliar por a necessidade programática com a imagem de que a intervenção tivesse pouco impacto visual. Dessa forma, foi indispensável a intenção de reabilitar os edifícios existentes. Contudo, a reabilitação dos edifícios não era suficiente para responder ao programa por esse motivo por um foram construídos novos blocos, como é o caso dos elementos de ligação entre os vários blocos que através da sua linguagem procuram demonstrar que são elementos novos e, por outro lado, foram acrescentados andares nos antigos e noutros edifícios, sendo que esses mantiveram a mesma linguagem de forma a se integrar melhor no conjunto.

Daí o propósito de que o Hotel se dilua na envolvente, preservando a pertença ao enquadramento urbano que lhe dá sentido, sabendo que qualquer destaque ostensivo o banalizará, aproximando-o do conceito de tantas unidades hoteleiras que aspiram a uma imagem demarcadora da sua presença [Entrevista presencial de José Gigante concedida ao autor no dia 3/05/2023 às 10h].

3.2 Hotel Quinta do Vallado - Menos é mais

3.2.1-Edifício



Figura 43 – Fotografia hotel quinta do vallado
Autor: Fernando Guerra - FG+SG (2012).

O hotel está localizado na Quinta do Vallado, no Peso da Régua, fazendo parte da área denominada com Alto Douro Vinhateiro. Esta região desde 2001 é classificada como Património da Humanidade. Pela facto do projeto se encontram numa zona singular, a sua inserção foi a principal preocupação. O local do projeto é caracterizado por algum por um conjunto de edifícios habitacionais e de apoio as vinhas. Outra aspeto importante desse local são os muros de suporte em xisto que atenuam o declive acentuado da montanha, conhecidos como “socialcos”.

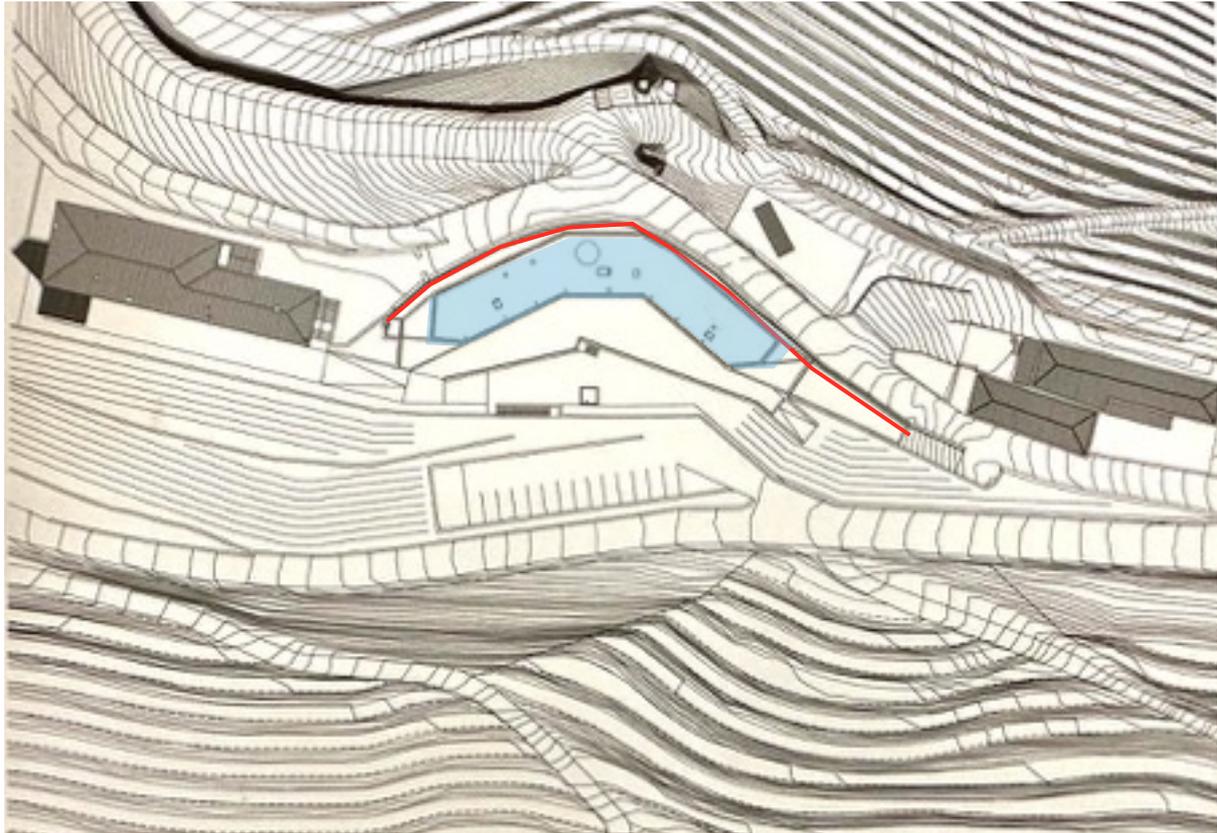


Figura 44 – Planta de Implantação
Fonte: TC Cuadernos, 111, Menos é Mais.

- Muro de Suporte
- Edifício

O projeto, com o Arq. Francisco refere “concentra-se em resolver a inserção de um novo volume condicionado por um longo e expressivo muro portante em xisto, que desenha uma acentuada curva no terreno e pela casa. Desta relação, entre o que existe e o que não existe, reside a tensão do projecto, relação de confronto entre duas realidades, entre duas geometrias, entre dois tempos. [Entrevista online com Francisco Videira de Campos concedida ao autor em 5/05/2023 às 14h]

A forma como o edifício se implanta é uma consequência física do existente. Ele acompanha o muro de suporte que se encontra na parte posterior. Esse bloco procura de uma forma suave integra-se na escarpa, não existindo uma vontade de se impor na paisagem.



Figura 45- Fotografia Hotel Quinta do Vallado
Autor: Fernando Guerra - FG+SG (2012).

Outro aspecto importante que vai de encontro a esse desejo é a materialidade do edifício. O xisto é um material bastante presente naquela região principalmente nos muros de suporte e no projeto procurou-se de certa forma recriar essa imagem contudo transportando-a para a atualidade e para a inovação. Desse modo, a pedra não é o material estrutural mas sim um revestimento, uma “pele”.

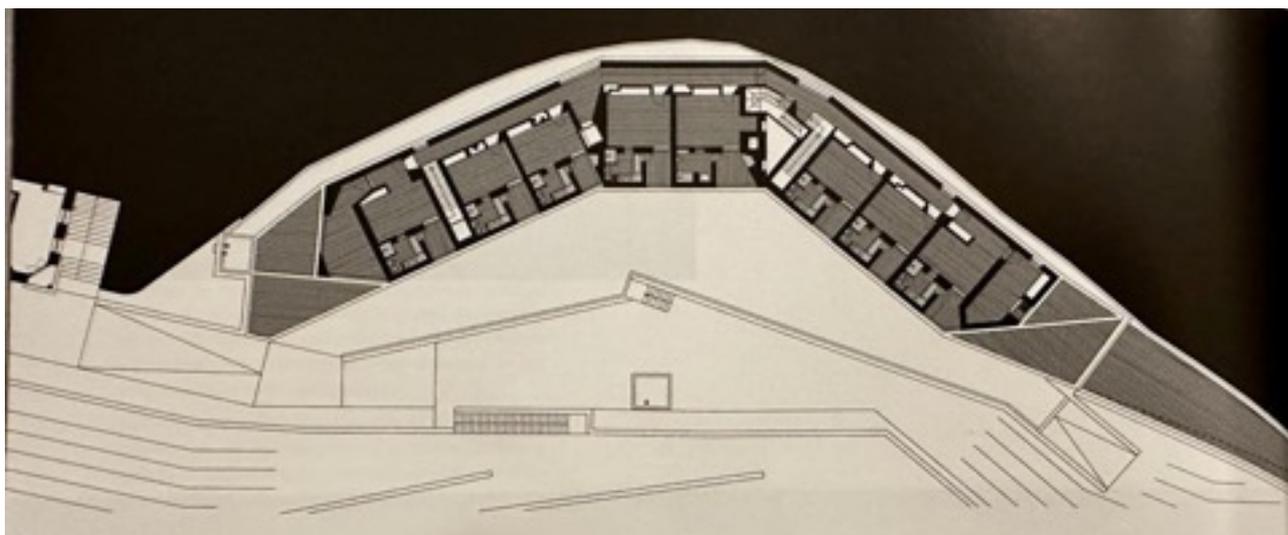


Figura 46 – Planta do piso 1
Fonte: TC Cuadernos, 111, Menos é Mais (2013).

O hotel nasce a partir das condicionantes impostas pelos limites físicos da realidade. A altura do muro pré-existente definiu a cêrcea do volume, a curva do muro definiu a organização funcional em linha, a nova materialidade, pedra de xisto, personifica a ideia de um novo tempo, que tenta conciliar o valor da tradição com o valor da inovação [Entrevista online com Francisco Videira de Campos concedida ao autor em 5/05/2023 às 14h].

Na continuidade dessa vontade no piso superior a abertura dos vãos transformam-se numa estratégia de varandas com o caixilho recuado que por um lado permitem ventilar o quarto e a casa de banho, mas por outro lado possibilitam a criação de um lugar de recolhimento, a sala de estar. Isso traz para a imagem da fachada uma ideia de “buracos” abertos na parede e não de janelas.

Podemos concluir que a principal preocupação deste projeto é a sua adaptabilidade ao terreno, uma vez que esse procura assemelhar-se a configuração do muro de suporte e a sua materialidade. , como o próprio arquiteto refere:

A inserção de um objecto novo em qualquer contexto é sempre uma preocupação extrema, por essa razão valorizo até ao limite a ideia de que uma nova construção no futuro venha a fazer parte do lugar onde foi construído. Este processo muitas vezes adopta uma estratégia de continuidade, outras vezes adopta uma estratégia de rutura , mas ambas assumem sempre estratégias com linguagens contemporâneas. [Entrevista online com Francisco Videira de Campos concedida ao autor em 5/05/2023 às 14h]

CAPÍTULO IV - RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

O projeto desenvolvido teve como principais objetivos:

- A reconstrução do passeio das Fontainhas
- O remate do conjunto do edificado
- A integração do edifício na escharpa

4.1 Espaço Natural



Figura 47 - Vista aérea atual da zona das Fontainhas e envolvente
Fonte: Autor (2023).

No programa da Unidade Curricular de Projeto é proposto para aquele local a construção de um edifício de grandes dimensões que consiste numa residência de estudantes com cerca de 2000m² e compreende 28 quartos, assim como todos os equipamentos necessários de apoio. Como foi analisado nos capítulos anteriores, a área de estudo (assinalada a azul) para o projeto da residência de estudantes está situada no centro histórico da cidade do Porto. O projeto desafia-nos a olhar para o envolvente e a perceber de que forma o novo edifício pode dialogar com o edificado bem como com espaço natural em que esta inserido sem que se perca a essência do local. Contudo, considera-se que nesse projeto a principal dificuldade é a concordância programática e a identidade da escarpa.

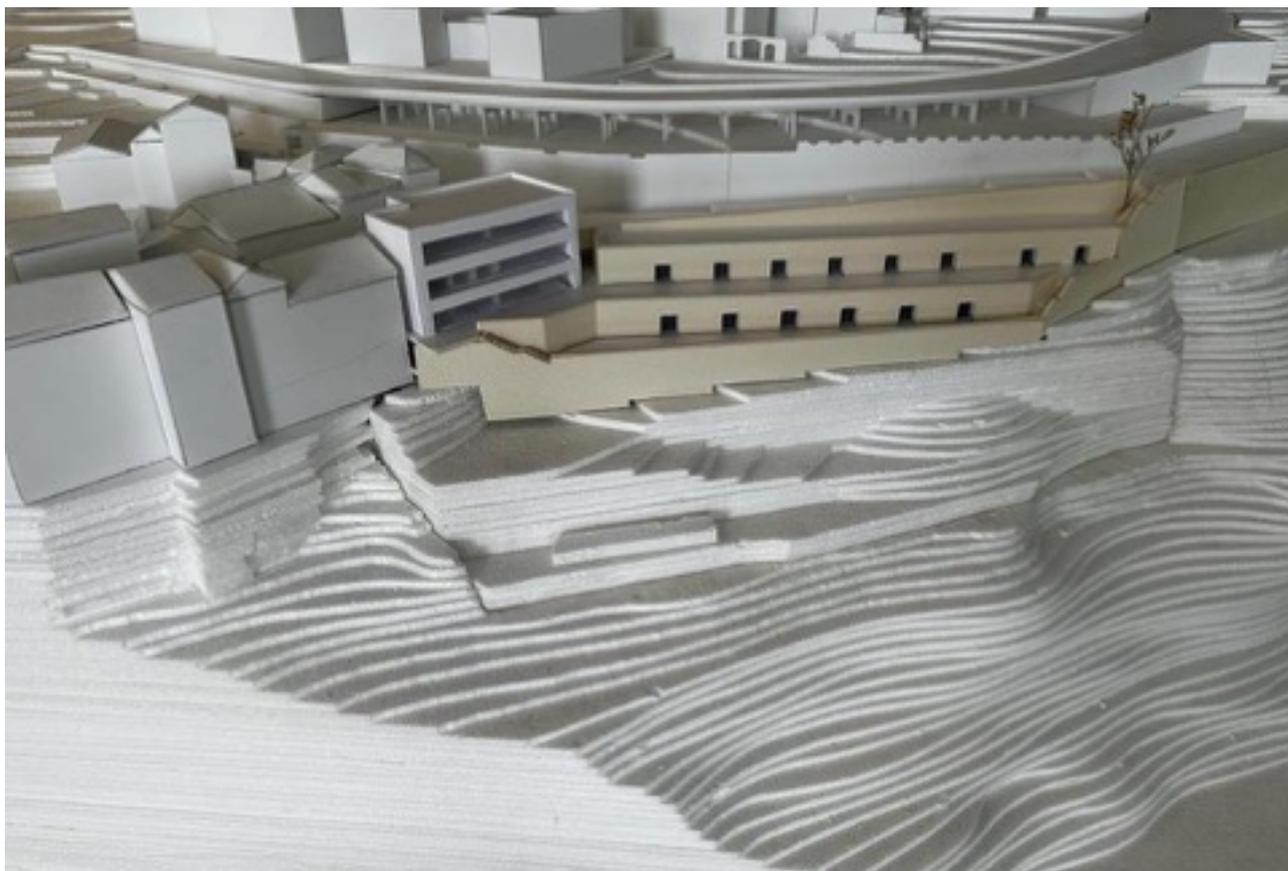


Figura 48- Fotografia da Maquete do Projeto
Fonte: Autor (2023).

O projeto desenvolve-se em dois edifícios de tipologias diferentes. Por um lado, num primeiro momento, está contida toda a parte pública do programa, estando esta mais conectada com a cidade e a sua vivência, procurando-se consolidar aquela zona. Por outro lado, num segundo momento, estão inseridos todos os dormitórios, sendo que este intimamente relaciona com a escarpa.

Desde que começou a idealização do projeto, a principal premissa foi como inserir o edifício naquele escarpa de forma a parecer algo natural. Depois de se realizar a análise empírica ao local, com o auxílio da análise histórica foi possível constatar que a presença de muros de suporte é bastante notória. Partindo desse ponto, o projeto pretende a construção dos espaços programáticos no interior de paredes de pedra que remetem aos muros de suporte característicos daquele local.

4.2 Espaço públicos

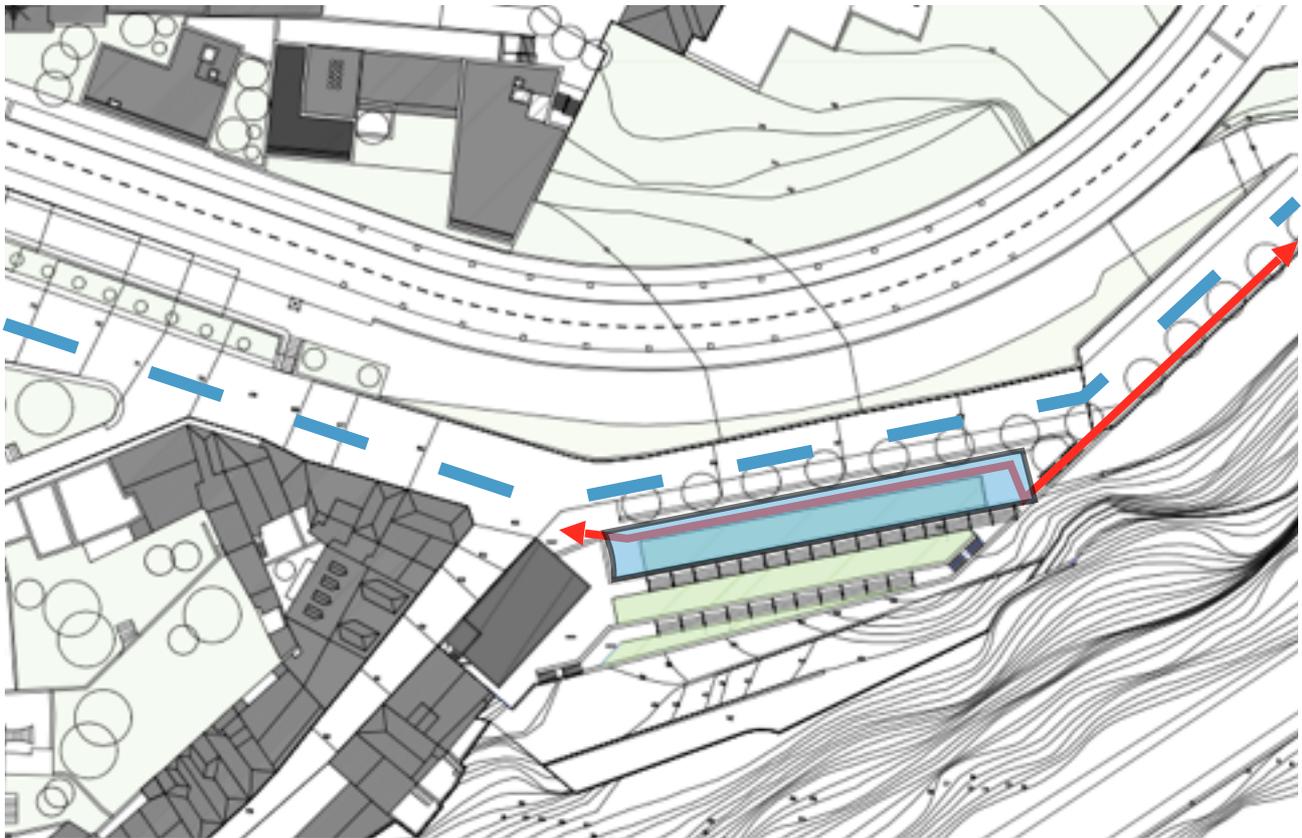


Figura 49 – Planta de Implantação
Fonte: Autor (2023).

-  Passeio das Fontainhas
-  Novo Percurso proposto
-  Espaço de Utilização Pública

Como foi referido anteriormente, a reconstrução do passeio das Fontainhas era um dos meus principais objetivos. Na análise realizada no capítulo II, denotou-se que a Alameda das Fontainhas sempre foi uma via estruturante daquela zona. Tinha com principal função ligar a zona da Sé e a cidade a Oriente. Para além da função de ligação viária e pedestre, a Alameda era também um local de permanência e contemplação da paisagem. A mesma esta fortemente ligada ao rio Douro e a Serra do Pilar, localizada na outra margem. O projeto que apresento procura recriar essa vivência, através não só da reconstrução do passeio, como também na criação de um novo espaço de utilização pública.

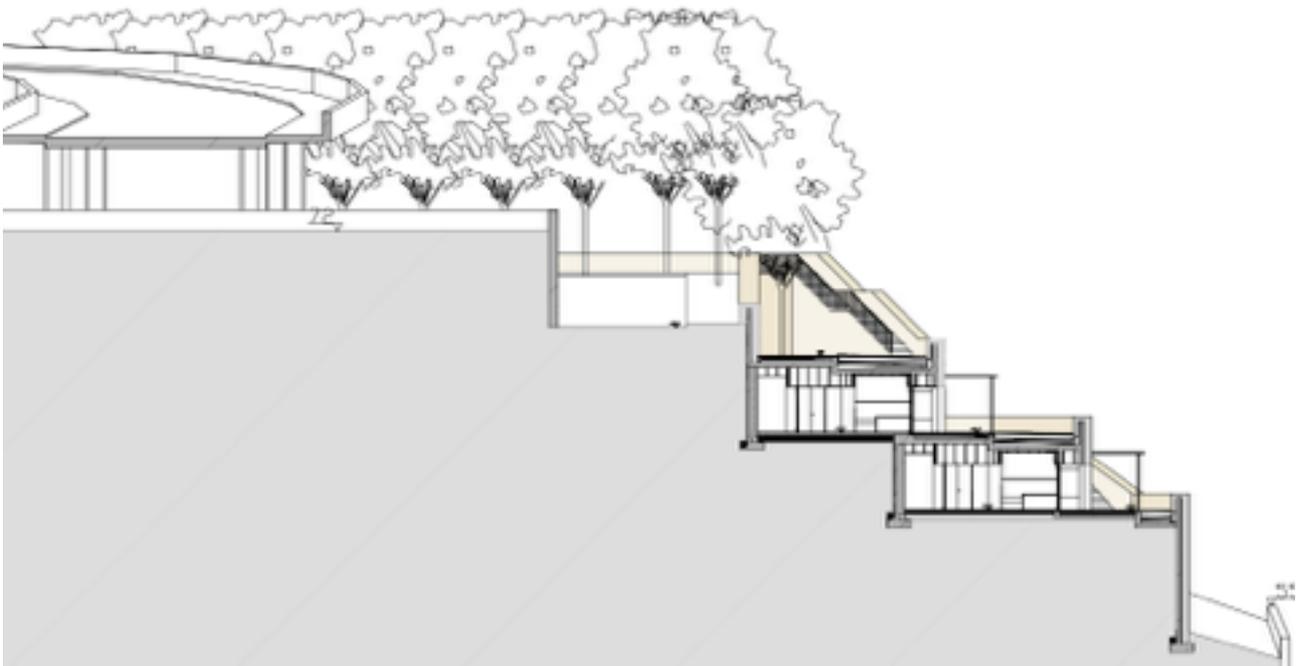


Figura 50 – Corte Transversal Bloco 2
Fonte: Autor (2023).

A reconstrução do passeio irá retomar não só a ligação viária e pedestre, outrora perdida, como também será um local onde a permanência dos peões tornar-se-á possível. Para possibilitar isso, o passeio nessa zona da alameda possuirá 2.5m de largura, o que permitira não só o atravessamento com também a paragem para a contemplação. Este mesmo passeio irá conter uma série de árvores, com a intenção de prolongar as que já existem na zona nascente ao projeto, proporcionado um sombriamento daquele local, tornando-o por consequência mais agradável.

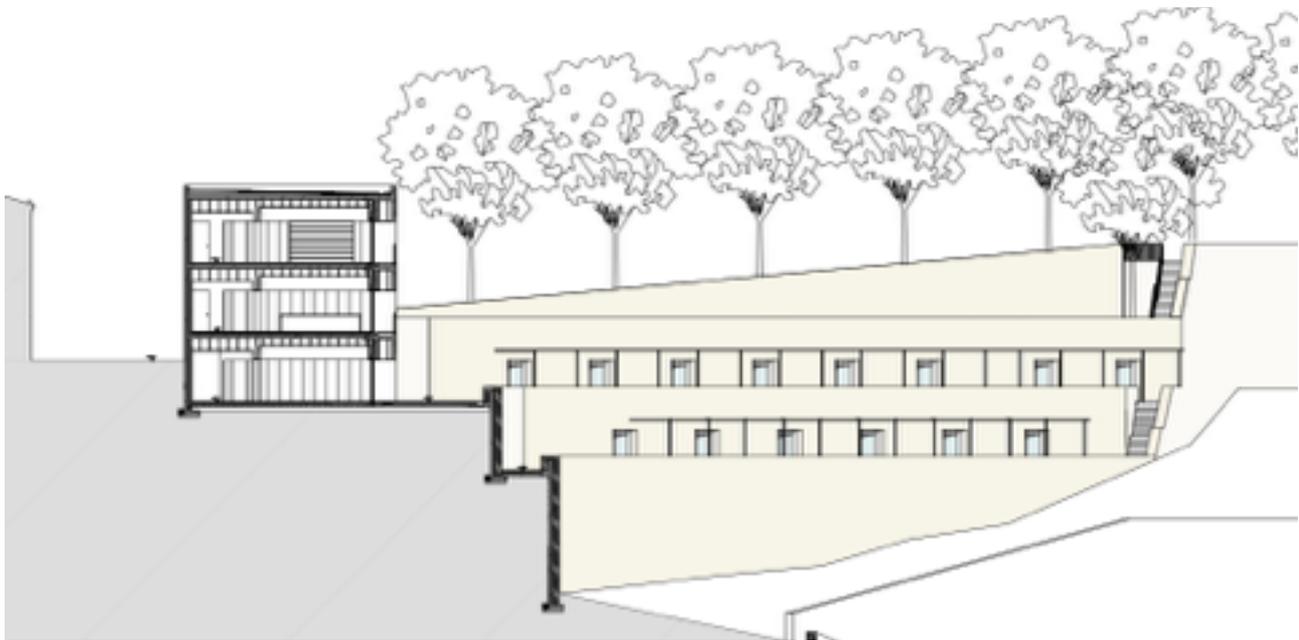


Figura 51 – Corte transversal Bloco 2
Fonte: autor (2023).

No projeto é também criado um novo espaço de utilização pública que permite mais uma vez, não só a ligação de espaços como também a permanência dos cidadãos. O espaço localiza-se na cobertura de uma parte do edifício relacionado com a escarpa, na cota 65. Esse espaço tem várias utilidades, sendo uma delas o acesso à entrada do novo edifício da residência de estudante, na zona poente. Do lado nascente admite-se um acesso vertical que ligará a cota 69 da alameda com esta plataforma, que contribuirá para a criação de um novo percurso nesta área. Ainda nos seus entretantos o local convida à permanência e à contemplação da paisagem através de uma nova perspectiva.

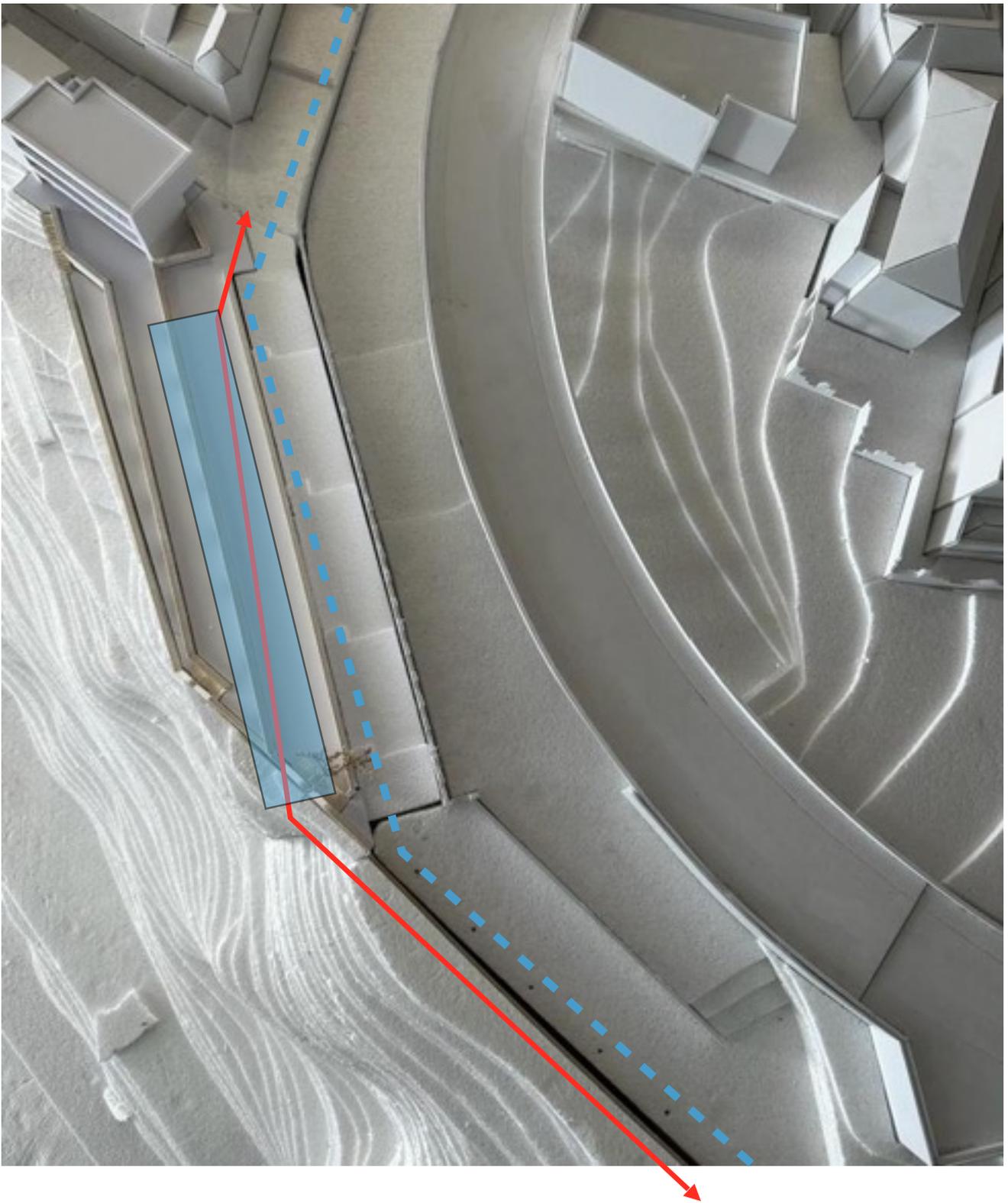


Figura 52 – Fotografia da maquete do projeto

Fonte: autor (2023).



Passeio das Fontainhas



4.3 Edifício



Figura 53- Planta de implantação
Fonte: Autor (2023).

O projeto partiu da vontade de consolidar aquela zona. Por um lado rematar o edificado existente e por outro lado dissuadir o edificado naquele espaço natural. O edifício da residência de estudantes é constituído por duas partes, a primeira um edifício com três pisos, sendo a cota de entrada no piso intermédio que faz o remate do edificado existente na Rua Miradouro e no Largo Ator Dias. A segunda parte do edifício possui dois pisos em plataformas distintas, estando estas abaixo do passeio das Fontainhas e procurando uma relação com a escarpa.

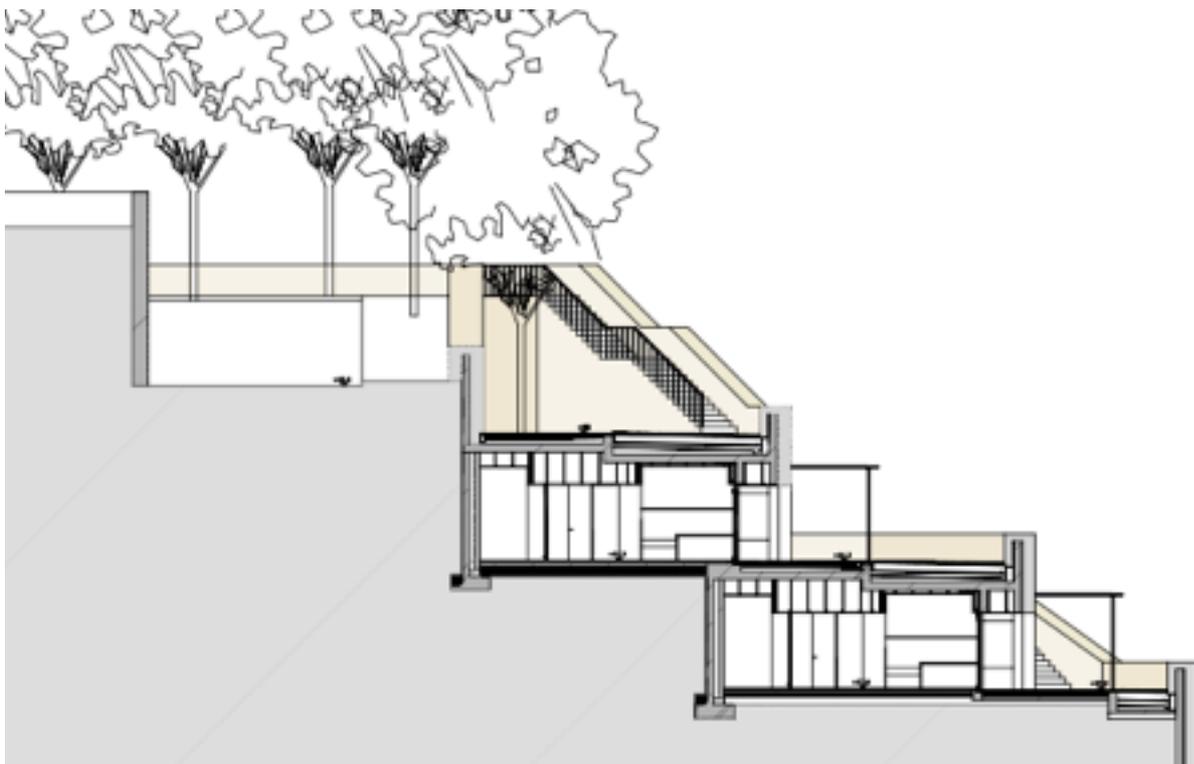


Figura 54 – Alçado rua do miradouro
Fonte: Autor (2023).

Figura 55 – Corte transversal Bloco 2
Fonte: Autor (2023).

O edifício que está mais conectado com as edificações existentes é onde ficam localizadas todas as áreas comuns e de utilização pública. Este é um monobloco que não está adoçado às construções adjacentes de forma a criar uma quebra na continuidade, proporcionando-lhe uma singularidade. Este volume está mais voltado para o rio de forma a proporcionar uma contemplação da paisagem. Contudo, procura também uma relação com a cidade. Essa relação dá-se através dois negativos no alçado da rua do miradouro, sendo o primeiro a marcação da entrada, na cota 65, e o segundo uma varanda, na cota 68.7, onde é permitido a contemplação da cidade. Existem também

uma pequena abertura na zona das escadas que permite por um lado as pessoas que passam no exterior vislumbrar o que se passa no interior, bem como o contrário.



Figura 56 – Alçado Sul
Fonte: Autor (2023).

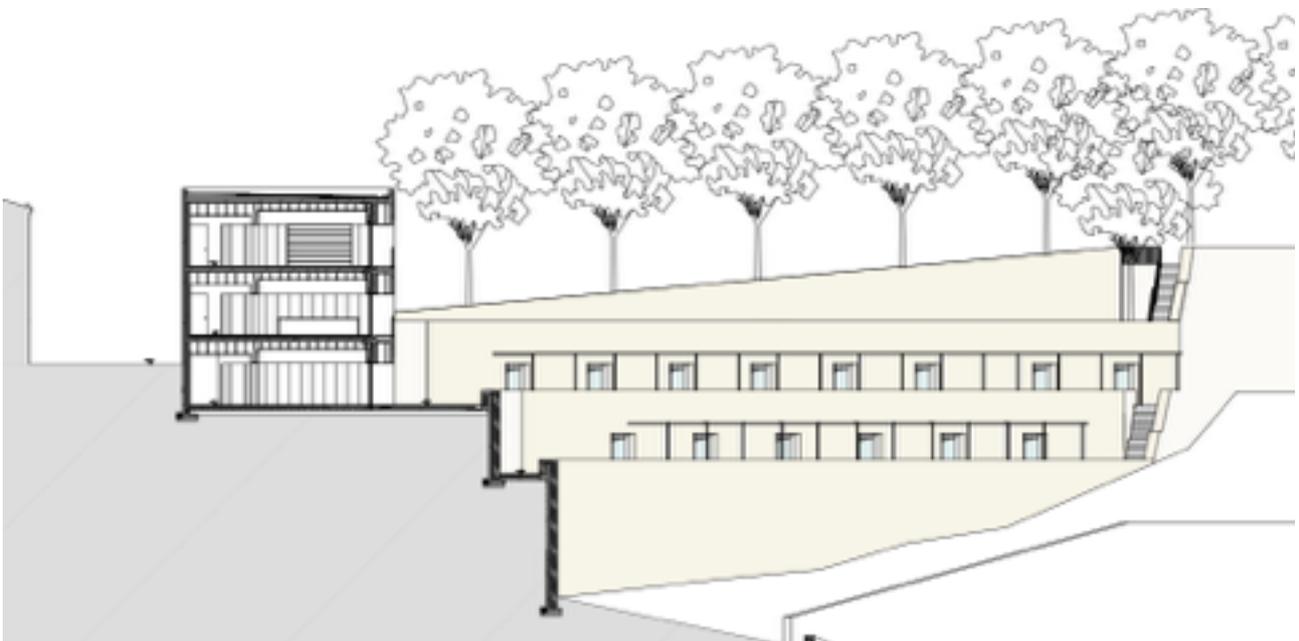


Figura 57 – Corte transversal Bloco 1
Fonte: Autor (2023).

Já no alçado contrário, o que se destaca são os grandes envidraçados que com o auxílio das varandas proporcionam um vislumbre da paisagem para quem se encontrar no interior. Na outra parte do edifício, encontram-se os dormitórios que apresentam uma linguagem completamente distinta do outro bloco, uma vez que procuram-se relacionar com o espaço natural. Na idealização dessa parte do projeto, sempre houve desde o início uma vontade de que no espaço em que se insere o edifício, transparece-se a ideia de que quase não houve uma intervenção. Para isso, recorri à desmaterialização do edifício, partindo-o em plataformas que remontam aos pequenos terrenos agrícolas que ali existiam. Dessa forma, dividi o edifício em três plataformas, sendo a superior, na cota 65, um espaço de utilização pública. A plataforma intermédia, na cota 61.3, possui duas valências, por um lado na zona dos quartos serve como uma espécie de alpendre. Coberto em certa parte por uma pérgula, ela serve também de extensão da zona do refeitório que se localiza na mesma cota, no outro bloco do edifício. Por fim, a plataforma inferior, a cota 57.6, serve também com um alpendre dos dormitórios, possuindo também uma pérgula. Essa também possui umas escadas nas suas extremidades que permitem a conectividade com a plataforma intermédia.

Para dar continuidade a essa ideia de plataformas, recorri nos alçados à parede com revestimento de pedra que contém alguns buracos onde estão os vãos recuados que iluminam os dormitórios. Essas paredes revestidas a blocos procuram simular os muros de suporte que ali existem, dando uma continuidade na paisagem. Na realização do projeto, a redução do número de “burracos” no alçado foi uma necessidade, uma vez que o excesso de aberturas no plano faria com que a leitura do alçado como parede sólida de contenção se perde-se. Partindo daí, a minha solução passou por adoçar dois módulos de dormitórios a cada negativo.

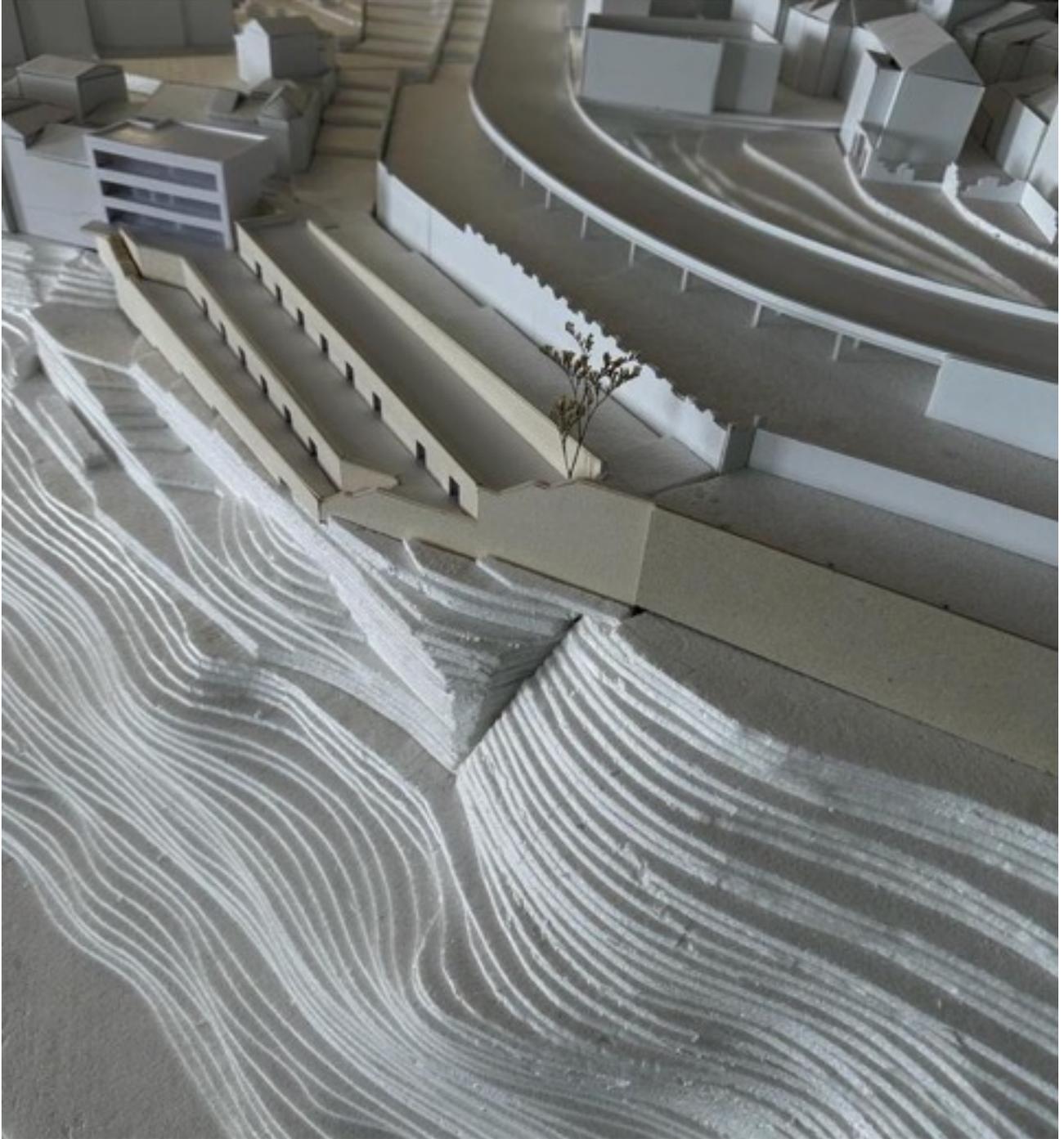


Figura 58 – Fotografia da Maquete do Projeto
Fonte: Autor (2023).

Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo fundamental mostrar uma visão própria de como inserir um edifício de grande escala na Escarpa do Guindais, sendo esta marcada por edifícios de pequena dimensão com o auxílio de uma análise histórica e morfológica e de alguns casos de estudo. Numa primeira parte, através da análise da história e morfológica da cidade do Porto e do desenho sobre as plantas de 1813, 1892, 1960 e 2023, entre outras, pode-se concluir que assim como a cidade do Porto foi sofrendo grandes alterações ao longo dos anos e a escarpa dos Guindais e das Fontinhas não foi exceção. Evoluiu de um conjunto de terrenos agrícolas, em 1813, passando por uma zona residencial, com inúmeras ilhas, em 1892 e culminando na atualidade num espaço espetado e descuidado. Contudo, uma das suas características primordial que atravessou todas essas fases foram os muros de suporte, que mais tarde vai ser um dos motes para o meu projeto.

Numa segunda fase, foram analisados dois projetos que serviram de auxílio no meu processo projetual, por um lado o Hotel Ponte de Ferro, do outro lado da margem, em que um dos seus principais objetivos foi que o edifício se insere-se o mais possível no conjunto urbano com o intuito de parecer que quase não existiu intervenção, utilizando como recurso a reabilitação do existente e nas novas construções a mesma linguagem do existente. Por outro lado, no caso do Hotel da Quinta do Vallado, não existia uma preexistência em que o arquiteto se implantou, mas sim um conjunto de edifícios e “socalcos” em que ele se auxiliou no seu processo de concessão do projeto, que procurou implantar o edifício com a mesma forma do muro que se encontrava no local e transpor a sua imagem para a fachada do edifício contudo numa linguagem atual. É também na abertura dos vãos que o meu projeto se vai influenciar, numa ideia de buracos, na fachada.

Por fim, foi apresentado o projeto para a escarpa que tem como finalidade consolidar aquela área, desse modo é feita a reconstrução do passeio das Fontainhas que, através da análise histórica, percebeu-se que era uma via importante para a cidade. Já no edificado, adoto duas linguagens diferentes, dividindo o edifício em duas partes, a primeira com um carácter mais urbano que faz o remate daquele conjunto de edificado do Largo Ator Dias e da Rua do Miradouro. O segundo já com uma linguagem semelhante aos muros de suporte que ali existem, com o intuito de se integrar o mais possível na escarpa. Esta dissertação pretendeu assim demonstrar, segundo a minha visão de arquiteto, que o projeto surge através da resposta às condicionantes do local onde se insere e que cada projeto é único e realizado em específico para aquele local, não podendo ser replicado em outro espaço.

Bibliografia

- AHMP (1785). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- AHMP (1813). Fundo Antigo, Livro 4 de Registo de Vistorias. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Alves, J. J. B. F. (1988). O Porto na Época dos Almadás: Arquitetura. Obras públicas. Porto: CMP.
- Barros, S. P. (2010). A cidade dos Almadás: Das Reformas pombalinas à véspera das invasões. Porto: QuidNovi.
- Berrance, Luís (1987) Evolução dos desenhos das fachadas das habitações correntes almadinas. Porto: FAUP.
- Cruz, M. A. (1994). Os Burgueses do Porto. Porto : Fundação Eng. António de Almeida.
- Ericksson, O. B. A. (2020) Cinemateca dos Guindais e o passeio das Fontainhas: A requalificação de um espaço expectante. Porto: Universidade Lusófona.
- Fernandes, F. B. (1999). Transformações e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Ferreira, D. (2018) O processo de desenho em arquitetura. Dissertação apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Vítor Manuel Araújo de Oliveira, Porto.
- Ferreira, M. J. D. C. M. (2018). A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX. Dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por José Ramiro Pimenta, Porto.
- Martins, C. H. M. R. (2014). O programa de obras públicas para o território de Portugal Continental, 1789-1809 : intenção política e razão técnica: o porto do Douro e a cidade do Porto. Tese apresentada em Arquitectura, na especialidade de Teoria e História da Arquitectura, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para obtenção de grau de doutor, orientado por Mário Júlio Teixeira Kruger e Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, Coimbra.
- Moreira, E. T. (2020) Praças antigas, intervenções recentes: Casa do Jazz, Largo Actor Dias. Dissertação apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por Isabel Maria da Cruz Batista Matias, Porto.
- Magalhães Júnior, J. A. P. (2016), Entre o Plano e o Declive, EAPA, Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientado por Nuno Brandão Costa, Porto.

Mosteiro da Serra do Pilar. O Guia. Disponível em: <<https://bit.ly/3ND4avA>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Mota, D. A. (2015). Análise histórica de uma zona urbana, Caracterização do parque das camélias e sua envolvente, Porto: Universidade Lusófona.

Oliveira, P. (1973) O espaço Urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Porto: Editora Afrontamento.

Oliveira, V. (2013) A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX, Porto: Edições UP.

Pacheco, A. L. (2019). A Escarpa dos Guindais e das Fontainhas, Apontamentos sobre desenho, projeto e transformação da cidade Dissertação apresentada ao Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre, orientada por Marta Oliveira, Porto.

Pereira, G. M. (2011) As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX. Carlota Santos. (ed.) Família, espaço e património. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

Ribeiro, M. M. T.. (1997). A Regeneração e o seu significado. José Mattoso. História de Portugal. Lisboa : Editoria Estampa, Lda.

Teixeira, M. (1996) Habitação Popular na cidade Oitocentista: As ilhas do Porto. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vieira, A. S..P. (2019). 01.Textos. Porto: Civilização ed.